

Diário do Pará



Especial
COP30

COP30 NO PARÁ

O que os líderes prometeram e o que ainda falta cumprir. Veja como foi a COP30 em Belém e as decisões que podem mudar a Amazônia.

Oferecimento:

Apoio:



Realização:



Cintia Magno

Realizada pela primeira vez na Amazônia, a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP30), sediada em Belém, encerrou sua programação como um marco da implementação das ações climáticas. Prevista para encerrar inicialmente no dia 21 de novembro, a conferência teve suas negociações estendidas até o sábado (22), mas foi concluída com saldo positivo.

Ao longo de 12 dias, a COP30 registrou impressionantes 513.848 acessos, somando as movimentações nas Zonas Azul e Verde. O fluxo superior a meio milhão de pessoas evidenciou o interesse global e local em soluções climáticas que dialoguem com o território e as populações que cuidam da floresta. Ao todo, a Zona Azul recebeu delegações de 195 países, totalizando 42.582 participantes, enquanto a Zona Verde, dedicada à sociedade civil, ciência e povos tradicionais, atraiu 294.262 visitantes.

Presidindo a conferência, o Brasil conquistou um feito significativo ao garantir a aprovação unânime de 29 documentos. O conjunto de textos foi batizado de 'Pacote de Belém' e teve como foco central transformar a urgência em ação para combater as mudanças climáticas.

Os resultados alcançados em Belém reforçaram o Acordo de Paris e solidificaram a conferência como uma "COP de Implementação", passando das negociações complexas para uma nova fase focada em

O embaixador André Corrêa do Lago, presidente da COP

FOTO: UESLEI MARCELINOCOP30



'PACOTE DE BELÉM'

Brasil lidera aprovação na COP30

COP30 fecha com chave de ouro e ações concretas
contra mudanças climáticas

transformações reais nas economias e sociedades. O Pacote Belém cumpriu seus três objetivos principais: fortalecer

o multilateralismo, conectar a agenda climática às pessoas e acelerar a implementação do Acordo de Paris.

GEOPOLÍTICA

A COP30 também enfrentou um cenário geopolítico complexo, e o futuro dos combustíveis

fósseis se tornou o debate político mais elevado, liderado pelo Brasil. Apesar do esforço e da grande expectativa, o Mapa do Caminho para o afastamento da economia dependente de combustíveis fósseis não entrou nos documentos finais da conferência, já que todas as decisões precisam ser alcançadas por aprovação unânime, o que não foi possível no que se refere ao tema. O Mapa do Caminho teve o apoio de 80 países, mas outros 85 se opuseram.

A Presidência brasileira reconheceu a falta de consenso, mas anunciou que dará

PARQUE DA CIDADE ★ NOVA DOCA ★ NOVA TAMANDARÉ ★ TERMINAL HIDROVIÁRIO TAMANDARÉ ★ BRT METROPOLITANO ★ MAIS DE 500 RUAS ASFALTADAS

COP 30 NO PARÁ.

**PRONTA
EM TEMPO,
PARA UM
NOVO TEMPO.**

PARQUE DA CIDADE

PONTE ICOARACI-OUTEIRO

NOVA DOCA

COMPLEXO PORTO FUTURO

NOVA TAMANDARÉ

COMPLEXO PORTO FUTURO ★ PARQUE DE BIOECONOMIA ★ MUSEU DAS AMAZÔNIAS ★ PONTE ICOARACI-OUTEIRO ★ TERMINAL HIDROVIÁRIO DE ICOARACI ★ MAIS DE 17 CANAIS

**COM A COP 30,
O PARÁ MOSTRA
QUE ESTÁ PRONTO
PARA O FUTURO.
E PRONTO NO
TEMPO CERTO.**

O Pará conhece a força da sua gente, e sempre soube que onde existe trabalho não há espaço para o impossível. Por isso, o Governo do Pará acreditou, trabalhou e está realizando o maior evento climático do planeta. Com planejamento e muito compromisso, concluímos todas as obras programadas para a COP da Floresta. Estamos recebendo o mundo com estrutura, inovação, sustentabilidade e muito orgulho de mostrar o legado que construímos para a nossa gente. Mais do que prazos cumpridos, isso é palavra cumprida: **com quem vive aqui e com um futuro melhor para todo o planeta.**





Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva

FOTO: UESLEI MARCELINOCOP30

prosseguimento ao tema. O embaixador André Corrêa do Lago, presidente da COP30, anunciou a criação dos Roteiros de Belém, duas iniciativas lideradas pela Presidência que buscarão gerar impulso em torno de estratégias concretas: o Roteiro de Florestas e Clima e o Roteiro de Transição dos Combustíveis Fósseis.

O Brasil continuará atuando como Presidente da COP até novembro de 2026, com o compromisso de aprofun-

dar a discussão sobre a transição energética justa, um tema que recebeu mandato de mais de 80 países, segundo destacou a Ministra de Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil, Marina Silva - ovacionada após o seu pronunciamento na plenária final da conferência. “O Mapa do Caminho já não é mais uma proposta apresentada pelo Brasil, pelo presidente Lula, mas por dezenas de países e por milhares de pessoas em

todo mundo, chancelada pela comunidade científica”, disse. “Um país rico, eu imagino que todos já têm seus mapas do caminho, já têm suas trajetórias muito bem planejadas. Agora países em desenvolvimento, países pobres, dependentes inclusive de petróleo em suas economias, não têm essas trajetórias. É por isso que é muito importante o esforço que será feito”.

Presidente da COP30, o embaixador André Corrêa do Lago também destacou que

os trabalhos não se encerram após a conclusão da COP30. “Ao sairmos de Belém, esse momento não deve ser lembrado como o fim de uma conferência, mas como o início de uma década de mudança”, defendeu. “O espírito que construímos aqui não termina com o martelo; ele permanece em cada reunião governamental, em cada conselho de administração e sindicato, em cada sala de aula, laboratório, comunidade florestal, grande cidade e cidade costeira”.

“
O Mapa do Caminho já não é mais uma proposta apresentada pelo Brasil, mas por dezenas de países e por milhares de pessoas em todo mundo”.

Marina Silva, ministra

REAÇÕES

Entre a sociedade civil, o desfecho da COP30 também foi destacado pela capacidade de honrar o Acordo de Paris, mesmo diante de um complexo cenário geopolítico. Para o Instituto Clima e Sociedade (iCS), “a decisão final apresenta a necessidade de conectar os planos climáticos com a indução de desenvolvimento e investimento, bem como o papel de boa governança e da cooperação internacional para plena implementação. Devemos celebrar também os avanços em abrir diálogo amplo sobre transição justa e a adoção de um novo Plano de Ação em Gênero”, anunciaram. “A COP30 será lembrada pela forte visibilidade e força da sociedade civil, incluindo povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais, mas também diversos movimentos sociais, organizações de jovens e mulheres, que estiveram nas ruas e dentro da conferência exigindo mais ambição e deixando claro que a urgência climática não pode ser desconsiderada”.

O Observatório do Clima destacou a iniciativa da Presidência do Brasil de criar dois mapas do caminho que não puderam ser incluídos na decisão final da COP pela oposição de alguns países. “A presidência fez o que a COP não teve coragem: criou por declaração um processo para debater o assunto. Não temos uma decisão, mas temos algo pelo que lutar”, destacou o secretário executivo do Observatório do Clima, Marcio Astrini. “Belém entregou o que era possível num mundo radicalmen-

te transformado para a pior. Evitou a implosão do Acordo de Paris, hoje a única coisa a nos separar de um mundo 3°C mais quente”, avaliou o coordenador de política internacional do Observatório do Clima, Claudio Angelo.

A presidente do Instituto Talanoa, Natalie Unterstell, considerou que “o simples fato de os países terem se mobilizado é a prova de que o multilateralismo não está morto e que o Brasil agora tem um mandato para elevar a ambição rumo à COP31” e que “com a ‘COP da Adaptação’, Belém finalmente apresentou um pacote de decisões sem precedentes. A adoção dos indicadores da GGA é um progresso real: pela primeira vez, mediremos a ação climática não apenas em toneladas de carbono evitadas, mas em vidas protegidas e infraestrutura capaz de resistir ao que está por vir”.

Mais uma vez, os cientistas alertaram para a necessidade urgente de uma transição energética global. “A verdade é que não há como evitar um perigoso aumento da temperatura global sem acabarmos com a dependência de combustíveis fósseis até 2040, ou no mais tardar até 2045. Não cumprir isso empurrará o mundo para uma perigosa mudança climática dentro de 5 a 10 anos, causando extremos climáticos cada vez mais intensos que afetarão bilhões de pessoas”, disseram. “Como cientistas, sabemos que os seres humanos são capazes de feitos extraordinários. Aqui em Belém, muitos países mostraram que estão prontos para se libertar do domínio e dos peri-

gos dos combustíveis fósseis. Esses serão os vencedores do século XXI. Agora é hora de nos unirmos em um Mutirão dos que estão dispostos a liderar o caminho. A ciência está, e continuará aqui para ajudar”.

Os cientistas também anunciaram que, trabalhando com a Presidência brasileira, vão propor a criação de um Painel Científico sobre a Transição Energética Justa e o Fim dos Combustíveis Fósseis, para subsidiar o Acelerador Global de Implementação. Integram o grupo os cientistas Carlos Nobre (Painel Científico da Amazônia); Fatima Denton (United Nations University); Johan Rockström (Potsdam Institute for Climate Impact Research); Marina Hirota (Instituto Serrapilheira); Paulo Artaxo (Universidade de São Paulo); Piers Forster (University of Leeds); e Thelma Krug, presidente do Conselho Científico da COP30.

DECISÕES

Entre as decisões mais emblemáticas da COP30, destacou-se:

1. Fundo Florestas Tropicais Para Sempre (TFFF): Considerado uma das maiores conquistas da COP30, este mecanismo inédito fornecerá pagamentos de longo prazo e baseados em resultados a países com florestas tropicais pela conservação verificada de florestas em pé. Em sua primeira fase, o TFFF mobilizou mais de US\$ 6,7 bilhões, contando com o endosso de 63 países. A proposta é que investidores recuperem recursos com remuneração de mercado, enquanto contribuem para a preserva-

ção.

2. Financiamento para Adaptação: As Partes assumiram o compromisso de triplicar o financiamento da adaptação até 2035, enfatizando a necessidade de os países desenvolvidos aumentarem significativamente o financiamento climático para as nações em desenvolvimento.

3. Meta de Financiamento Global: As decisões pediram que os fluxos de financiamento climático sejam escalados para pelo menos US\$ 1,3 trilhão anualmente até 2035, com foco na mobilização público-privada.

4. Justiça e Equidade: Foi aprovado um mecanismo de transição justa que visa aprimorar a cooperação internacional e colocar as pessoas e a equidade no centro da luta climática. O novo Plano de Ação de Gênero também foi adotado, ampliando o financiamento sensível ao gênero e promovendo a liderança de mulheres indígenas, afrodescendentes e rurais. Pela primeira vez, afrodescendentes foram explicitamente mencionados nos documentos da conferência.



Ao sairmos de Belém, esse momento não deve ser lembrado como o fim de uma conferência, mas como o início de uma década de mudança'

André Corrêa do Lago,
presidente da COP30

PARA ENTENDER

DECISÃO MUTIRÃO

Em Belém, também foi adotado o documento intitulado de ‘Decisão Mutirão’, que celebra o 10º aniversário do Acordo de Paris e reafirma a determinação em aumentar a ambição coletiva ao longo do tempo. Para acelerar a implementação, foram lançados mecanismos cruciais, como:

- **Acelerador Global de Implementação:** Iniciativa colaborativa para apoiar países a implementar suas Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs) e Planos Nacionais de Adaptação (PNAs). A COP30 terminou com 122 países tendo apresentado NDCs novas ou atualizadas.
- **Missão Belém para 1,5 °C:** Plataforma orientada para a ação visando maior ambição em mitigação, adaptação e investimento.
- **FINI (Fostering Investible National Implementation):** Iniciativa que visa desbloquear US\$ 1 trilhão em projetos de adaptação dentro de três anos, buscando mobilizar 20% desse valor pelo setor privado.
- **Plano de Ação de Saúde de Belém:** Endossado por mais de 30 países, elevou a saúde como prioridade climática de primeira linha, garantindo US\$ 300 milhões em apoio.
- A conferência também marcou um avanço na temática oceânica, com 17 países aderindo ao Desafio Azul NDC (Blue NDC Challenge), comprometendo-se a integrar soluções oceano-clima nos planos nacionais.

COMPROMISSO

Presidente Lula

FOTO: RICARDO STUCKERT PR



Cintia Magno

Reforçando a importância histórica de levar as discussões globais sobre as mudanças climáticas para uma capital da Amazônia, a plenária de abertura da COP30 fez um chamado à ação dos negociadores que trabalharam intensamente para alcançar consenso sobre as iniciativas adotadas para frear o aquecimento global. Além do pronunciamento de autoridades e de apresentações culturais, a plenária foi mar-

‘COP com promessas de soluções’

O presidente da COP30, André Corrêa do Lago, deu essa declaração na abertura do evento

cada pelo esperado anúncio da definição da agenda de trabalho que nortearia as negociações entre as partes neste ano.

Como é tradição, a plenária de abertura da COP30 iniciou com a transferência da presidência da COP anterior. Responsável por comandar os trabalhos na conferência realizada em Baku, o Presidente da COP29, Mukhtar Babayev, repassou a presidência ao embaixador André Corrêa do Lago e se disse honrado em estar no Brasil, onde a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do

Clima iniciou durante a Rio 92.

Já como presidente da COP30, André Corrêa do Lago lembrou desastres climáticos como o ocorrido recentemente no Estado do Paraná, no Sul do Brasil, reforçando que os efeitos que precisam ser combatidos estão presentes e não deixam esquecer a imensa responsabilidade envolvida nas discussões que permeiam a COP. Reforçando que o espírito de mutirão deveria nortear as discussões, André Corrêa do Lago falou sobre o que esperava que a COP30 deixasse como legado. “Essa é uma COP que tem que apresentar soluções e a agenda de ação que nós estruturamos para esta conferência, da qual vão participar tantos ministros de estado brasileiros e outras autoridades em eventos múltiplos de dimensão absolutamente essencial para os passos adiante, vai mostrar muitos caminhos. Essa, portanto, é uma COP de implementação e eu espero que seja lembrada também como uma COP de adaptação, uma COP que vai avançar na integração do clima na economia, nas atividades, na criação de empregos, e, mais do que tudo, uma COP que vai ouvir e acreditar na ciência”.

PRESIDENTE LULA: O MOMENTO É DE IMPOR UMA NOVA DERROTA AOS NEGACIONISTAS

O presidente da República destacou que a Agenda de Ação proposta pelo Brasil está dividida em três partes, sendo que na última é feita uma convocação para que as pessoas sejam postas no centro da agenda climática

Fazendo referência a um termo repetido desde a Cúpula dos Líderes e que definiu a COP30 como ‘a COP da Verdade’, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva destacou que o momento era o de impor uma nova derrota aos negacionistas que atacam não só as instituições, como também a ciência e as universidades. “Sem o Acordo de Paris, o mundo estaria fadado a um aquecimento



catastrófico de quase cinco graus até o fim do século. Estamos andando na direção certa, mas na velocidade errada”.

Lula destacou que a Agenda de Ação proposta pelo Brasil está dividida em três partes: na primeira parte, o apelo é para que os países cumpram seus compromissos, o que inclui a necessidade de formular e implementar as Contribuições Nacionalmente Determinadas ambiciosas; assegurar financiamento, transferência de tecnologia e capacitação aos países em desenvolvimento e dar a devida atenção à adaptação aos efeitos da mudança do clima. Na segunda parte, Lula apontou

que o apelo é para que os líderes mundiais acelerem a ação climática. E na terceira, a convocação é para que a comunidade internacional coloque as pessoas no centro da agenda climática. “A emergência climática é uma crise de desigualdade. Ela expõe e exagera o que já é inaceitável. Ela aprofunda a lógica perversa que define quem é digno de viver e quem deve morrer. Mudar pela escolha nos dá a chance de um futuro que não é ditado pela tragédia. O desalento não pode extinguir as esperanças da juventude. Devemos a nossos filhos e netos a oportunidade de viver em uma Terra onde seja possível sonhar”.

MISSÃO

O secretário executivo da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (UNFCCC), Simon Stiell, lembrou os 10 anos do Acordo de Paris e também reforçou o pedido por ação. Ele destacou que a Agenda de Ação proposta pelo Governo do Brasil é essencial para a missão que todos decidiram assumir para reduzir as temperaturas de volta para 1,5°C. “Como já concordamos em fazer a transição para longe dos combustíveis fósseis, agora é hora de nos concentrarmos em como fazê-la de forma justa e ordenada. O foco deve ser em quais acordos firmar para acelerar a triplicação das energias renováveis e dobrar a eficiência energética”, pontuou. “Já concordamos em disponibilizar pelo menos 300 bilhões em financiamento climático, com os países desenvolvidos na liderança. Agora precisamos colocar o Roteiro de Baku a Belém em prática para começarmos a avançar rumo aos 1,3 trilhões”.

LULA EXALTA O PARÁ E O SEU POVO DURANTE PLENÁRIA DE ABERTURA DA CONFERÊNCIA DA ONU

Diante da plenária lotada na abertura oficial da COP30, no Parque da Cidade, em Belém, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva exaltou a capital e o Estado do Pará, defendendo a escolha desafiadora de trazer a COP30 para o ‘coração da Amazônia’. Ele ainda parabenizou o Governador Helder Barbalho pela preparação da capital para sediar a conferência. “Vocês, que vieram de outros países para participar desta convenção, por favor, prestem muita atenção porque vocês vão participar de um evento em um estado que tem um povo maravilhoso, muito educado e que vai cuidar de vocês, aqui nessa cidade, como vocês jamais foram cuidados”, disse, dirigindo-se à plenária. “Eu quero agradecer à minha equipe da Casa Civil e ao Governador Helder Barbalho pela

realização dessa proeza de fazer a COP no coração da Amazônia, no Estado do Pará e na cidade de Belém. Tirem proveito dessa cidade, tirem proveito da alegria, tirem proveito da beleza e do charme, do carinho e do amor de homens e mulheres que vão receber vocês”.

Mais do que a alegria e a receptividade do povo paraense, o presidente ainda destacou a culinária local. “Sobretudo, tirem proveito da culinária do Pará. Aqui vocês vão comer comidas que vocês não comeram em lugar nenhum do mundo, talvez o melhor peixe, e não se esqueçam de comer a maniçoba”, recomendou, antes de reforçar o grande desafio que é fazer um evento como a COP na Amazônia. “Seria mais fácil fazer a COP em uma cidade que não tivesse problemas, mas nós resolvemos aceitar o desafio de fazer a COP em um estado da Amazônia para mostrar que quando se tem disposição política, quando se tem vontade e quando se tem compromisso com a verdade, a gente prova que não tem nada que seja impossível”.

APRESENTAÇÕES

Ainda durante a plenária de abertura da COP30, o público acompanhou as apresentações de um grupo de indígenas do povo Guajajara, da cantora Fafá de Belém e da cantora e Ministra da Cultura do Brasil, Margareth Menezes.

AGENDA

Em coletiva de imprensa concedida após a plenária de abertura, o Presidente da COP30, André Corrêa do Lago, explicou que as delegações dos países entraram em consenso sobre a agenda de trabalho a ser adotada na COP30 ainda na noite anterior, permitindo que a agenda fosse adotada logo na manhã do primeiro dia de conferência. Ao todo, quatro itens ficaram de fora, mas permaneceram em consulta para que pudessem entrar na agenda futuramente.

Cintia Magno

Além das delegações dos países, a abertura oficial da COP30 também reuniu autoridades do Estado do Pará e do Brasil na Plenária Amazonas, no Parque da Cidade, em Belém. A cerimônia, realizada na Zona Azul da COP, abriu os trabalhos entre os negociadores que buscavam chegar a um consenso sobre o documento final da 30ª Conferência do Clima da ONU.

Citado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante o seu discurso na cerimônia de abertura da COP, o Governador do Pará, Helder Barbalho, reforçou a importância do momento não apenas para as discussões climáticas globais, como também para a própria Amazônia. “É um momento central para que nós possamos construir soluções que possam estar na dimensão das responsabilidades que a humanidade deve ter a partir da recorrência de eventos climáticos, das urgências ambientais, da elevação da temperatura”, pontuou. “Se faz necessário que esta COP, realizada com simbolismo na Amazônia, possa conectar e engajar para que líderes mundiais possam ter ambições na dimensão das urgências, garantir financiamento climático aos países em desenvolvimento para que estes modelos de desenvolvimento possam ser de baixas emissões; para que possamos entender os desafios de cada região do mundo, particularmente da Amazônia, que deve ser olhada como floresta, mas que precisa fazer desta floresta a transformação de uma riqueza que gera empregos verdes, que gera vocações sustentáveis”.

Na conferência que acabou conhecida como ‘COP da implementação’, o governador destacou que o Estado do Pará vem apresentando entregas importantes desde as últimas COPs e destacou como será a atuação do



Governador Helder Barbalho

FOTO: DIVULGAÇÃO

IMPACTOS CLIMÁTICOS

Um chamado para a construção

O governador Helder Barbalho e o ministro Jader Filho defenderam compromissos concretos entre os países

Governo do Pará na conferência deste ano. “Nós estaremos atuando em diversas frentes, desde o fortalecimento do mercado de carbono, como também a rastreabilidade da produção no Estado do Pará para garantir transparência nas atividades produtivas para que isto gere valor, mas temos um importante momento que é a criação do Vale Bioamazônico de Tecnologia”, des-

taçou. “Nós queremos fazer do Estado do Pará o que foi a Califórnia nos anos 2000 com o Vale do Silício. Lá, eles usavam chips, a tecnologia, os computadores para impulsionar a sua economia. Nós queremos usar das moléculas da nossa floresta, das raízes, das nossas plantas, de uma floresta que a cada dois dias descobre uma nova espécie, para que com esta riqueza da flores-

ta, da nossa biodiversidade, nós possamos fazer a transformação a partir da riqueza da natureza”.

EXEMPLOS

Reforçando os bons exemplos que vêm sendo aplicados no Pará – como é o caso da liderança do Estado na redução do desmatamento da Amazônia Legal em 2025 –, o Ministro das Cidades, Jader Filho, destacou que a COP

é uma grande oportunidade de jogar luz sobre esses bons exemplos, mas também para que se alcancem outros resultados a nível global. “A COP é a oportunidade para que nós possamos sair daqui com compromissos reais e concretos, tanto em termos de investimentos, para que as cidades brasileiras e no nosso planeta estejam adaptados, para que estejam resilientes, para que estejam preparados caso novos eventos climáticos aconteçam, para que eles possam recebê-los com menos impacto, para que infraestruturas inteiras não sejam destruídas”, destacou. “E se por um lado a gente tem que deixar nossas cidades preparadas, por outro nós precisamos parar de agredir o nosso meio-ambiente, descarbonizando as nossas frotas, parando de jogar o esgoto in natura nos nossos rios. E é isso que nós vamos discutir a partir de hoje. A COP em Belém começou e a gente tem uma esperança de que, a partir de Belém, a gente possa encontrar uma solução definitiva para o nosso planeta”.

A expectativa de que a COP realizada em Belém, no estado do Pará, leve resultados e soluções para todo o mundo também foi apontada pelo Senador Jader Barbalho, que também participou da cerimônia de abertura da COP30. “Todos nós estamos de parabéns e eu, como paraense, torço para que este evento seja efetivamente um evento importante para o Brasil e, particularmente, para o Pará. O interesse da preservação da Amazônia não é só nosso, brasileiro, é um interesse de natureza internacional”.

Entre outras autoridades que também estiveram presentes na plenária de abertura da COP30 estiveram o Presidente do Senado, Davi Alcolumbre; a Ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara; o ministro da Secretaria-Geral da Presidência, Guilherme Boulos; o Prefeito de Belém, Igor Normando, entre outros.



O que a Vale tem a ver com as pesquisas e a bioeconomia na Amazônia?

A cantora Gaby Amarantos e o fotógrafo Bob Wolfenson observam o tempo como elemento transformador da floresta. Acompanhando Tereza Giannini, pesquisadora do Instituto Tecnológico Vale, eles conhecem uma plantação de cacau com mais de 120 anos.

Estamos há 40 anos na Amazônia, aprendendo, pesquisando e contribuindo para a sua proteção. Investindo em pesquisas como a dos polinizadores do cacau e sua influência na manutenção de agroflorestas – um dos projetos estudados por Tereza. Porque entender os tempos da floresta é um dos caminhos para manter todo esse ecossistema em pé.

**Fazer a diferença para a Amazônia, juntos.
Tem a ver com a Vale.**

Saiba mais



Cintia Magno

A interseção entre tecnologia e ação climática dominou a coletiva de encerramento do dia 10 de novembro, primeiro dia de COP30, em Belém. Representantes da presidência da Conferência, do governo brasileiro e da União Internacional de Telecomunicações (UIT) defenderam que a transição energética justa e eficiente depende, de maneira inadiável, da capacidade global de acelerar a digitalização, ampliar a interoperabilidade entre sistemas e transformar inovação em política pública concreta.

A CEO da COP30, Ana Toni, abriu a coletiva lembrando que o primeiro grande sinal de avanço da conferência é, curiosamente, um passo que parece simples, mas que há quatro ciclos consecutivos não era alcançado: a adoção da agenda negociadora. Para ela, a abertura formal da pauta — que contém 145 temas mandados e dá base para o trabalho técnico — não pode ser subestimada. “Nas últimas quatro COPs não conseguimos abrir a agenda. Sem isso, nenhum dos temas pode realmente começar. É uma conquista expressiva porque significa que, finalmente, todos os países estão prontos para trabalhar”, afirmou.

Toni destacou que essa disposição se reflete na aceleração do envio das Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs). “Hoje (10 de novembro) temos 111 NDCs comunicadas. Há poucas semanas, em Nova York, tínhamos apenas 64. Agora, dia após dia, o número cresce. Isso é uma mensagem poderosa: o Acordo de Paris está funcionando, o multilateralismo está vivo e se fortalecendo”, declarou, observando que 194 países já estão acreditados para a COP30 — um marco de convergência política e operacional raro no atual cenário global.

Para além do avanço institu-

**Ana Toni**

FOTO: UESLEI MARCELINOCOP30

TECNOLOGIA E AÇÃO CLIMÁTICA

Digitalização ganha protagonismo

CEO da conferência, Ana Toni citou a importância que as tecnologias terão para a transição energética

cional, a CEO da COP30 insistiu que esta é, antes de tudo, uma COP de implementação. E o dia trouxe evidências concretas disso, a começar pelo Fundo de Perdas e Danos, criado na COP28, que deu início às suas operações com uma chamada pública de US\$ 250 milhões para projetos. “É extraordinário ver um fundo tão recente atingir capacidade operacional em menos de dois anos. Isso mostra a velocidade que precisamos imprimir na resposta climática”, afirmou Toni.

Ela também sublinhou o papel dos governos subnacionais na COP30. Após o Fórum de Líderes Locais realizado no Rio de Janeiro, autoridades munici-

país e estaduais chegaram a Belém com novos compromissos e anúncios, reforçando que cidades — onde os impactos da crise climática se materializam de forma mais dramática — estão na linha de frente da implementação.

Mas foi no eixo de tecnologia e inovação que a coletiva atingiu seu ponto mais estratégico. Toni lembrou que escalar a adaptação climática, um dos focos prioritários da presidência brasileira da COP30, é impossível sem instrumentos digitais de antecipação, resposta e monitoramento.

TECNOLOGIAS

Por isso, o dia marcou uma série de lançamentos, entre eles o Green Digital Action Hub, iniciativa que reúne 82 países e 800 organizações com o propósito de acelerar soluções digitais abertas e interoperáveis para mitigação e adaptação. A conferência também apresentou o AI Climate Institute, voltado à formação de profissionais especializados em tecnologias aplicadas ao clima, além do lançamento do Nature Intelligence Studio e da coleção de bens públicos digitais climáticos, um conjunto de 20 ferramentas open source disponibilizadas globalmente.

Outro destaque foi o anúncio de uma coalizão composta pela Fundação Gates, Global Methane Hub, Ministério das Relações Exteriores da Dinamarca e fundações nórdicas, que destinou US\$ 2,8 bilhões para adaptação, com foco em agricultura resiliente, sistemas alimentares e fortalecimento de capacidades locais.

“A escala da adaptação que precisamos só será possível com tecnologia. E hoje vimos avanços concretos nesse sentido”, afirmou Toni, passando a palavra para a ministra brasileira da Gestão e da Inovação, Esther Dweck, encarregada de detalhar o papel do Brasil na digitalização climática.

Dweck reforçou que a COP30



A CEO da COP30 insistiu que esta é, antes de tudo, uma COP de implementação FOTO: TÂNIA RÉGOAGÊNCIA BRASIL

é a “COP das soluções” — e que isso exige abandonar o ciclo de diagnósticos e avançar para políticas tangíveis. Ela apresentou o conceito de Infraestruturas Públicas Digitais (DPIs) e bens públicos digitais, defendendo que essas arquiteturas tecnológicas são essenciais para garantir escalabilidade, redução de custos, integração de dados em tempo real e respostas justas a emergências climáticas. “A crise climática é exponencial. Nossas soluções também precisam ser”, afirmou.

A ministra destacou a experiência recente do Brasil no desastre climático do Rio Grande do Sul. Por meio da plataforma gov.br, do novo Documento Nacional de Identidade e do ecossistema brasileiro de identificação digital — que hoje soma mais de 107 milhões de IDs ativas — foi possível realizar transferências emergenciais de renda em apenas seis dias, um tempo recorde de resposta.

A interoperabilidade entre bases permitiu identificar rapidamente quem havia sido afetado, validar acesso a serviços e acelerar o apoio estatal. Segun-

do Dweck, essa experiência levou o Brasil a liderar, junto à OIM e ao Banco Mundial, um estudo global sobre identidades digitais para resiliência climática, com foco na reconstrução documental, acesso a benefícios e resposta a desastres.

Um dos pontos da fala da ministra foi o relançamento do Cadastro Ambiental Rural (CAR) como uma infraestrutura pública digital global, aberta a outros países. O CAR, que já é o maior banco privado de dados florestais do mundo, com oito milhões de registros cobrindo 80% do território brasileiro, está evoluindo para um DPI completo, com novos módulos que poderão ser usados internacionalmente para mercados de carbono, monitoramento de desmatamento, concessão de crédito rural e verificação socioambiental.

“Os novos módulos serão bens públicos digitais. Qualquer país poderá reutilizar a tecnologia e adaptá-la às suas próprias necessidades”, garantiu.

Dweck anunciou ainda o lançamento, nesta semana, de um plano global para soluções digitais para o clima, em parceria

com ITS Rio, IICA, Co-Develop e outras instituições, com quatro eixos estruturantes: um repositório mundial de soluções digitais climáticas; apoio a pilotos e disseminação de DPIs; financiamento de novas ferramentas; e o lançamento internacional do módulo ambiental do DPI brasileiro, já pronto para replicação.

O último a falar foi Tomas Lamanauskas, vice-secretário-geral da União Internacional de Telecomunicações, que trouxe uma perspectiva contundente sobre os riscos e oportunidades da digitalização. Ele lembrou que o mundo deve atingir 82 megatons de lixo eletrônico por ano até 2030, um desafio que ameaça transformar o setor digital em parte do problema climático. Para evitar isso, segundo ele, é preciso migrar de declarações para ação.

Lamanauskas destacou que o Green Digital Action Hub, anunciado hoje, reúne atores como Banco Mundial, European Green Digital Coalition, GIZ, Global Green Growth Institute, UNITAR e a liderança brasileira na construção de um ecossistema que integre digita-

lização e metas climáticas. Ele também chamou atenção para outro ponto sensível: o impacto energético e hídrico da Inteligência Artificial.

“IA consome energia, consome água. Precisamos de padrões globais para medir esse impacto”, afirmou. A UIT, segundo ele, está finalizando normas internacionais para avaliar a pegada ambiental da IA e iniciando uma metodologia de scoring para classificar sistemas de IA de acordo com sua sustentabilidade.

O dirigente anunciou ainda os vencedores de uma série de iniciativas tecnológicas da COP30, incluindo soluções de IA que medem pegada de carbono, otimizam centros de dados e monitoram florestas. Um novo estudo global sobre integração entre digitalização e NDCs também foi divulgado: 90% das NDCs analisadas integram elementos digitais, mas apenas um país — até agora — dedica um capítulo inteiro à indústria digital como setor transformador. “Precisamos ir além do digital como ferramenta auxiliar. O digital é parte estruturante da transição”, defendeu.

Carol Menezes

O ministro das Cidades, Jader Filho (MDB), levou uma mensagem direta e contundente à coletiva de imprensa da COP30, ao lado da diretora-executiva da presidência da conferência, Ana Toni. Em sua fala, ele afirmou que, para que as metas climáticas globais sejam efetivamente alcançadas, é essencial colocar as cidades no centro das discussões e garantir recursos financeiros aos governos subnacionais.

“Hoje é dia 11 do mês 11, e o ODS 11 é o que fala justamente sobre cidades e comunidades sustentáveis”, iniciou Jader, lembrando que a data simbolicamente reforça a importância da pauta urbana dentro da conferência. “Eu não acredito em coincidências”, completou, destacando que se a COP30 é reconhecida como a COP da Floresta, ela precisa também ser a COP das Cidades.

Segundo o ministro, 80% das emissões globais de gases de efeito estufa têm origem nas cidades, e, até 2050, 70% da população mundial viverá em áreas urbanas. “Não há como falar em combate às mudanças climáticas sem falar de cidades. É nelas que as emissões acontecem, e é nelas que as soluções precisam ser implementadas”, afirmou.

Jader lembrou que as discussões da COP30 vêm abordando temas urbanos fundamentais, como mobilidade sustentável, gestão de resíduos sólidos e prevenção de desastres, mas destacou dois pontos que, em sua avaliação, são decisivos: financiamento e autonomia local.

“Se quisermos promover as transformações que o mundo precisa, precisamos garantir financiamento para os estados e municípios”, alertou. Ele criticou o desequilíbrio no fluxo de recursos dos fundos climáticos internacionais, que chegam em proporção mínima às administra-



Ministro Jader Filho
FOTO: DIVULGAÇÃO

PROTAGONISMO

Cidades no centro da discussão

Ministro Jader Filho cobra mais financiamento climático na COP30

ções locais. “Apenas entre 10% e 20% dos recursos desses fundos chegam às cidades e localidades. Como podemos falar de adaptação e resiliência se quem está na linha de frente não tem acesso ao financiamento?”, questionou.

DESAFIOS

O ministro citou exemplos concretos de desafios enfrenta-

dos pelas cidades brasileiras e de países em desenvolvimento. “Como realizar obras de macrodrenagem para evitar alagamentos, como vimos recentemente no Rio Grande do Sul, ou conter encostas que desabam a cada chuva, se não houver orçamento disponível?”, disse. Ele reforçou que o mesmo raciocínio vale para ações de descarbonização

urbana, como a renovação de frotas de transporte coletivo por veículos limpos, e para obras de saneamento básico, que continuam urgentes em várias regiões.

“Tudo isso depende de financiamento subnacional. Sem recursos, as cidades não conseguirão entregar as mudanças estruturais de que o planeta precisa”, enfatizou.

E MAIS...

A DECLARAÇÃO DE SHARMEL-SHEIKH

Em sua fala, Jader Filho também fez referência à Declaração de Sharmel-Sheikh, compromisso firmado por cidades e regiões durante a COP27, que defende a valorização das lideranças locais no processo de transição climática. “O Brasil é signatário da Declaração de Sharmel-Sheikh, e precisamos que mais países se juntem a esse compromisso. Quem realmente conhece os problemas e sabe onde agir são os prefeitos, os governadores e as comunidades locais — não apenas os governos centrais”, destacou, dirigindo-se especialmente à imprensa internacional.

Encerrando sua intervenção, o ministro fez um apelo para que a “Mensagem de Belém”, documento final da COP30, traga de forma explícita o reconhecimento do papel dos líderes subnacionais. “Quanto mais fortalecermos os líderes locais e suas opiniões, mais fácil será encontrar as soluções para um planeta melhor”, concluiu, dirigindo-se a Ana Toni e ao embaixador André Corrêa do Lago, negociador-chefe do Brasil.

Carol Menezes

A diretora-executiva da COP30, Ana Toni, conduziu a tradicional coletiva de imprensa vespertina, fechando o segundo dia de Conferência, 11 de novembro, reafirmando o foco da cúpula em acelerar a implementação climática por meio do fortalecimento da governança multinível — aquela que integra União, estados e municípios no mesmo eixo de ação.

Toni iniciou a fala reconhecendo o avanço no número de países que apresentaram suas NDCs (Contribuições Nacionalmente Determinadas). “Ontem tínhamos 111 NDCs, hoje já são 112”, anunciou, destacando o compromisso crescente das nações em atualizar suas metas de mitigação e adaptação. Segundo ela, esse aumento demonstra que o espírito da COP30 é, acima de tudo, o de ação concreta e aceleração de resultados.

A diretora-executiva ressaltou que o dia foi marcado por uma agenda intensa de debates e anúncios voltados à implementação no nível local, reforçando a importância dos governos subnacionais. “Os governadores, prefeitos e gestores locais estão na linha de frente da ação climática. É no território que a mudança acontece”, afirmou.

Entre os destaques do dia, Toni mencionou o plano para acelerar soluções de governança municipal, que já conta com a adesão de mais de 6 mil autoridades locais comprometidas em intensificar ações climáticas nas cidades. O anúncio reforça o protagonismo do poder local na implementação de políticas sustentáveis e na adaptação a eventos extremos.

Ela também ressaltou a parceria com o governo da Alemanha, presente na agenda do dia, e que reafirmou o compromisso de cooperação para políticas ambientais de impacto direto nos terri-



Ana Toni
FOTO: DIVULGAÇÃO

CHAPÉU

Cidades e estados fortalecidos

No balanço do segundo dia da COP, Ana Toni reafirmou o foco da cúpula na governança em todos os níveis

tórios. “O trabalho conjunto com parceiros internacionais é essencial para escalar as soluções que já estão funcionando em nível local”, pontuou.

AVANÇOS

Ana Toni destacou ainda o fortalecimento da Coalizão das Cidades, movimento que simboliza o avanço da liderança urbana dentro da COP30. “As cidades são a grande notícia desta conferên-

cia”, disse, reforçando que o protagonismo das administrações locais está se tornando o principal motor de transformação. “Estamos vendo prefeitos e lideranças municipais assumindo a frente da implementação, com soluções inovadoras e mensuráveis.”

Outro ponto central do dia foi o lançamento da campanha “Beat the Heat” (Derrote o Calor), dentro do Dia da Implementação sobre Calor Extremo. A inici-

ativa reúne 185 cidades com planos de ação para enfrentar as altas temperaturas, incluindo o plantio de árvores, a criação de áreas verdes urbanas, infraestrutura de sombreamento e linhas de financiamento para projetos de adaptação climática.

No eixo de recursos hídricos, foi anunciado o Programa de Investimentos em Água da América Latina e Caribe, um pacote de US\$ 20 bilhões para projetos de

resiliência climática e segurança hídrica até 2030. O programa busca fortalecer a infraestrutura hídrica e promover ações locais voltadas à conservação e ao uso racional da água.

Também foi apresentada a iniciativa global para acelerar soluções em resíduos orgânicos, voltada especialmente a países em desenvolvimento. O plano pretende reduzir emissões de metano e promover o reaproveitamento sustentável dos resíduos. “Essa é uma solução inovadora e urgente, sobretudo para os países que enfrentam desafios estruturais de gestão de resíduos”, destacou Toni.

Na parte final da coletiva, Ana Toni anunciou que logo após o encontro com a imprensa seriam lançadas as áreas temáticas da Agenda de Ação e o Anuário Global de Ação Climática 2025, elaborado pelos Climate Champions. O documento consolida dados e exemplos concretos de implementação em escala global, reunindo indicadores, avanços e boas práticas de adaptação e mitigação.

A diretora-executiva também atualizou as informações sobre as negociações em curso, especialmente nas discussões sobre Transição Justa. “Hoje tivemos uma boa reunião aberta com negociadores locais, com propostas sólidas e concretas sobre como avançar. A transição justa é um dos pilares da COP30, e o diálogo tem sido construtivo”, afirmou.

Encerrando sua fala, Ana Toni agradeceu aos parceiros da presidência brasileira e reforçou o espírito colaborativo da conferência. “Temos uma parceria sólida com os estados e municípios, e o reconhecimento internacional do papel que o Brasil tem desempenhado como liderança global na implementação climática. Esta COP mostra que a transformação real acontece no território, com os governos locais liderando o caminho”, concluiu.

Carol Menezes

O Governo do Pará inaugurou, na segunda-feira (10), o Pavilhão Pará, instalado na Green Zone da COP30, no Parque da Cidade, em Belém. O espaço foi concebido para ser o centro das atividades paraenses durante a conferência climática, reunindo mais de 350 ações entre painéis, debates, exposições, mostras culturais e lançamentos de projetos voltados à sustentabilidade.

O Pavilhão Pará integrou diversos órgãos estaduais, representantes municipais, instituições de ensino, organizações não governamentais e empresas privadas. A proposta era mostrar ao mundo as soluções que estão sendo desenvolvidas na Amazônia para enfrentar as mudanças climáticas, valorizando o conhecimento local e as iniciativas que unem preservação ambiental e desenvolvimento econômico.

Com uma ambientação que recria a atmosfera da floresta amazônica — combinando arte, cultura, biodiversidade e inovação —, o espaço foi planejado para oferecer aos visitantes uma experiência imersiva. O objetivo era evidenciar que a Amazônia é parte ativa das soluções climáticas globais, não apenas um território de preservação, mas também de oportunidades sustentáveis e economia verde.

“O Pavilhão Pará foi pensado para criar uma atmosfera da Amazônia, de floresta, cultura, arte e musicalidade, e mostrar nossas belezas. A partir de um amplo e democrático processo, selecionamos programações que se conectam com a agenda da sustentabilidade. Este será o nosso ponto de imersão, uma oportunidade para que o mundo vivencie o que é estar na Amazônia e no Estado do Pará”, afirmou o governador.



Pavilhão Pará

FOTO: DIVULGAÇÃO

ESPAÇO

Pavilhão Pará bomba na COP

O espaço foi o centro das atividades paraenses durante a conferência, com painéis, debates, exposições e projetos voltados à sustentabilidade

Ao longo da COP30, o Pavilhão Pará foi palco de painéis temáticos, apresentações de projetos comunitários e lançamentos de programas estratégicos de transição ecológica. Entre os destaques estiveram discussões sobre bioeconomia, gestão de florestas, finanças sustentáveis, mobilidade verde e energias renováveis.

O Banco do Estado do Pará (Banpará) foi o patrocinador oficial do espaço e também participou da programação com atividades voltadas ao financiamento sustentável e ao incentivo a novos modelos econômicos compatíveis com a preservação ambiental.

#AGROPALMANACOP30

Somos a mudança que queremos ver no mundo

E estamos certos de que o futuro
que desejamos nós fazemos hoje, juntos.

COM NOSSA NOVA USINA DE BIODIESEL EM BELÉM, ESTIMULAMOS A TRANSIÇÃO ENERGÉTICA E A ECONOMIA REGIONAL

Mais de 340 pessoas empregadas e menos 39 mil toneladas de CO₂ despejadas na atmosfera por ano – essas são apenas algumas das contribuições da retomada da nossa produção de biodiesel. Primeira no estado a produzir o biocombustível a partir de uma reação 100% enzimática, uma tecnologia inovadora e menos agressiva para o meio ambiente, a usina tem como prioridade atender à demanda da região. Como uma empresa paraense, que atua na Amazônia e tem operações na cidade-sede da COP30, fazemos questão de reafirmar nosso compromisso com o desenvolvimento sustentável e, assim, demonstrar que é possível criar valor sem destruir.

Tatiane Almeida Bastos
Supervisora de Processo Industrial na Usina
de Biodiesel da Agropalma, em Belém (PA)



www.agropalma.com.br

desataconteudo.com.br

Luiza Mello

O Senador Jader Barbalho (MDB-PA) visitou o espaço Blue Zone onde estão sendo realizadas as principais plenárias para o relatório final da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30). Em entrevista à imprensa, ele destacou o protagonismo da Amazônia e afirmou que o evento marcará um novo capítulo na relação do Brasil e do mundo com a região amazônica.

O parlamentar ressaltou que a realização da conferência em Belém representa um marco histórico para o país e deixará um legado duradouro para o mundo. “Não tenho a menor dúvida de que a Amazônia, que é um patrimônio não só do Brasil, mas da humanidade, depois dessa COP vai ter um papel muito maior na divulgação da nossa biodiversidade e dos povos que existem nessa imensa região”, afirmou o senador.

Para Jader Barbalho, a escolha da capital paraense como sede da COP reforça a importância simbólica e estratégica de colocar a Amazônia no centro das discussões sobre o futuro climático do planeta. Ele destacou ainda que o evento é uma oportunidade única para o fortalecimento da imagem do Brasil como liderança global nas pautas ambientais. “O legado desta COP será fundamental para a nossa região e para o Brasil”, declarou.

O senador também enfatizou que a visibilidade proporcionada pela conferência deve se traduzir em investimentos, inovação e fortalecimento das comunidades locais. “A Amazônia tem muito a mostrar ao



Senador Jader e
Fernando Gabeira
FOTO: DIVULGAÇÃO

PROTAGONISMO

Senador Jader destaca a Amazônia

Ele destacou o protagonismo da Amazônia e afirmou que o evento marcará um novo capítulo na relação do Brasil

“

A Amazônia tem muito a mostrar ao mundo — e este é o momento de fazer isso com orgulho e responsabilidade’

Senador Jader Barbalho

mundo — e este é o momento de fazer isso com orgulho e responsabilidade”, concluiu Jader Barbalho.

Durante a visita que fez à Blue Zone, Jader Barbalho se encontrou com o ativista ambiental, comentarista e ex-deputado

federal, Fernando Gabeira. Os dois exerceram mandatos juntos na Câmara dos Deputados, em Brasília.

Carol Menezes

O ministro das Cidades, Jader Filho (MDB), participou na terça-feira (12) do lançamento do Ato de Adesão à Coalizão para Habitação NetZero, realizado na Green Zone da COP30, dentro do Pavilhão da Caixa Econômica Federal, em Belém. O evento marcou mais um passo do governo brasileiro rumo ao compromisso global de reduzir as emissões de carbono na construção civil e fortalecer políticas habitacionais sustentáveis.

Em entrevista, Jader Filho ressaltou que a discussão climática não pode se limitar às florestas, mas deve incluir também as cidades. Ele destacou que a iniciativa lançada na COP30 é uma continuidade de compromissos assumidos anteriormente, como o tratado firmado em Paris, onde o Brasil se tornou signatário, junto com a França e outros países, de uma coalizão internacional voltada à redução das emissões no setor da construção.

O ministro explicou que o país já vem implementando medidas dentro do programa Minha Casa, Minha Vida, com foco em sustentabilidade. Entre as ações, estão o reúso de água, a destinação adequada de resíduos e a redução gradual da pegada de carbono nas edificações. Segundo ele, o objetivo é tornar as moradias populares brasileiras referência mundial em construção verde.

“Hoje, o que estamos fazendo, em parceria com a Caixa Econômica Federal e outras entidades, é criar um mecanismo de medição para saber exatamente como o Minha Casa, Minha Vida está contribuindo para reduzir emissões. Enquanto o mundo registra cerca de 30% das emissões globais vindas da construção civil, o Brasil apresenta um índice de aproximadamente 5%, e queremos chegar a zero”, afirmou Jader Filho.



Ministro Jader Filho
FOTO: DIVULGAÇÃO

HABITAÇÃO

No rumo da moradia sustentável

Jader Filho esteve em ato de adesão que prevê a redução nas emissões de carbono na construção civil

SUSTENTÁVEIS

O ministro reforçou que a Caixa e o Ministério das Cidades atuam de forma conjunta nessas iniciativas. “Essa ação surgiu a partir da assinatura do tratado representando o presidente Lula em Paris. A Caixa criou esse mecanismo de medição, e nosso papel é avançar para que as emissões da construção civil no Brasil cheguem a zero”, completou.

O lançamento contou ainda com a presença de representantes da Caixa Econômica Federal, do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR)

e do Fórum Norte-Nordeste de Habitação, reforçando o alinhamento entre governo e entidades do setor na busca por soluções urbanas mais limpas e sustentáveis.

MINISTRO DEFENDE FORTALECIMENTO DO FEDERALISMO CLIMÁTICO

O ministro das Cidades, Jader Filho (MDB), destacou que o fortalecimento do federalismo climático é condição essencial para que o Brasil avance de forma efetiva na agenda de adaptação. A declaração foi feita durante o

painel de Alto Nível “A implementação do compromisso pelo federalismo climático no Brasil”, realizado no Pavilhão Brasil, na Blue Zone da COP30. O encontro contou ainda com a presença da deputada federal Tabata Amaral (PSB-SP), do governador do Espírito Santo, Renato Casagrande (PSB), e outras autoridades.

Jader Filho ressaltou que esta já é a terceira ou quarta reunião em que o tema retorna ao centro das discussões, sinalizando sua relevância estratégica para o futuro climático do país. Segundo

ele, não há como implementar políticas de adaptação sem trazer estados, municípios e comunidades para o centro da governança climática. O ministro citou o dia temático dedicado ao tema urbano, realizado na véspera, onde foram apresentadas iniciativas nacionais e internacionais, como as ações desenvolvidas em Maringá e os modelos europeus conduzidos pela presidente do ICLEI, Catherine de Malmont.

O ministro reforçou que a COP30, sediada em Belém, deve ser a COP das florestas, mas também necessariamente a COP das cidades, reconhecendo que o enfrentamento da crise climática acontece, de forma concreta, nos territórios. Ele reforçou que um futuro sustentável depende diretamente do fortalecimento institucional dos governos subnacionais.

Durante o discurso, Jader Filho citou ainda o exemplo da Califórnia, apresentado pelo governador Gavin Newsom em encontro recente. Ele lembrou que, mesmo sob uma gestão federal norte-americana com postura negacionista em relação ao meio ambiente, o estado conseguiu avançar com políticas robustas graças à força de suas lideranças regionais e municipais. Para o ministro, esse modelo evidencia que, ainda que o governo central hesite, é impossível avançar sem adesão dos entes subnacionais — e, ao mesmo tempo, possível avançar quando eles se mobilizam.

Ao final, Jader Filho convocou prefeitos, governadores, parlamentares e lideranças comunitárias a pressionarem por maior presença de estados e municípios nas decisões climáticas da COP30 e de todos os demais fóruns internacionais. Para ele, a mensagem que precisa sair de Belém deve ser clara: a governança climática brasileira depende de um federalismo fortalecido e plenamente participativo.

Carol Menezes

BARQUEATA NA ABERTURA

A Cúpula dos Povos começou na quarta-feira (12) com uma grande mobilização às margens do Rio Guamá, em Belém (PA), reunindo movimentos sociais, redes e organizações populares de todo o mundo. O encontro, que seguiu até 16 de novembro, aconteceu na Universidade Federal do Pará (UFPA) e buscou trazer perspectivas sociais e ambientais em paralelo à 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30).

Pela manhã, o Rio Guamá e a Baía do Guajará foram palco de uma emocionante barqueata, que marcou o ato de abertura do evento. Embarcações de diferentes comunidades navegaram juntas em um verdadeiro arrastão de vozes populares por justiça climática, com a participação de mulheres, jovens, ribeirinhos, pescadores, indígenas, quilombolas e agricultores familiares — representando a diversidade dos povos do mundo que se somaram ao movimento.

A barqueata da Cúpula foi o primeiro ato político de uma extensa programação que se estendeu até o dia 16, com atividades culturais, rodas de conversa e debates temáticos.

Entre os principais eixos de discussão estiveram a soberania alimentar, transição energética, enfrentamento ao extrativismo fóssil, governança participativa, racismo ambiental, direito à cidade, além de temas sobre mitigação e adaptação climática com recortes de gênero, raça, classe e território.

“As águas da Amazônia estão trazendo as vozes que o mundo precisa ouvir: as de quem defende a vida, os territórios e o clima”, afirmou Lider Gongora, membro da Comissão Política da Cúpula dos Povos, ativista equatoriano e delegado dos Povos do Mangue e do Mar (World Forum of Fisher Peoples – WFFP).

A Cúpula dos Povos

Embarcações de diferentes comunidades navegaram juntas, reunindo vozes populares por justiça climática. A Cúpula foi realizada até o dia 16 de novembro



Cintia Magno

No dia em que a agenda temática teve como um dos itens de atenção o mundo do trabalho, as oportunidades de geração de emprego foram destaque na coletiva de imprensa convocada diariamente, no final do dia, pela Presidência da COP. Citando uma pesquisa realizada em parceria com o World Resources Institute (WRI), a Systemiq e com apoio do Governo da Alemanha, a CEO da COP30, Ana Toni, destacou que a transição pode gerar até 380 milhões de novos empregos até a próxima década, considerando especialmente a criação de empregos na área de adaptação. “Esse é um tema realmente importante para nós porque devemos lembrar que temos um presidente que, obviamente, foi sindicalista. Então, é claro que, para o presidente Lula, o tema dos trabalhadores e da qualificação é realmente fundamental”.

Ana Toni destacou que, no terceiro dia de COP30, houve o lançamento da Iniciativa Global sobre Empregos e Qualificações para uma Nova Economia, iniciativa que busca conectar governos, setor produtivo e sociedade civil para integrar trabalho e qualificação às estratégias econômicas e climáticas. “Uma pesquisa muito impressionante foi divulgada sobre novas habilidades, mostrando que a transição pode gerar até 380 milhões de novos empregos na próxima década”, apontou. “Estamos olhando especificamente para a criação de empregos na área de adaptação, e esse número, 380 milhões, vem de uma pesquisa realizada em parceria com o World Resources Institute (WRI), a Systemiq e com um forte apoio do governo da Alemanha”.

Depois de elogiar a forma



COP30 lança iniciativa sobre empregos e qualificações para uma nova economia

FOTO: CARLOS TAVARESCOP30

COP lança iniciativa sobre empregos

CEO do evento, Ana Toni, destacou que a transição pode gerar até 380 milhões de novos empregos

como as negociações vinham sendo conduzidas na conferência deste ano, o Secretário Estadual do Ministério Federal do Meio Ambiente, Ação Climática, Conservação da Natureza e Segurança Nuclear da Alemanha, Jochen Flasbarth, destacou que durante os eventos paralelos da COP pôde discutir a importância das qualificações profissionais no caminho rumo à neutralidade climática. “O relatório

que apresentamos foi produzido na Alemanha e as conclusões são absolutamente fundamentais para o que estamos debatendo aqui. O primeiro ponto é que a mitigação e a adaptação climática são as grandes geradoras de empregos deste século”, destacou. “Em vez de olhar para o passado, tentando entender quais setores foram os motores de emprego no século anterior, devemos olhar para fren-

te, para o que podemos criar neste século. E este relatório comprova isso”.

Apesar da boa notícia, Flasbarth destacou que o relatório traz também uma mensagem desafiadora: “a falta de qualificação profissional será o maior gargalo para a maioria dos países signatários do Acordo de Paris alcançarem suas metas climáticas. Portanto, há uma grande oportunidade, mas precisamos trabalhar nela, co-

meçando pelas escolas, universidades e instituições de ensino técnico”.

Considerando a sua experiência na área de desenvolvimento, ele destacou o sistema educacional da Alemanha como um modelo que pode servir de referência para muitos países, ao investir na formação de jovens nas áreas que são consideradas mais necessárias, seja na indústria automotiva, na manufatura ou na transição para uma economia neutra. “Acredito que, com este relatório de referência, temos uma base sólida para refletir sobre o que podemos fazer para superar esses obstáculos e transformar o potencial de geração de empregos em realidade, e não apenas em promessa”.

BRASIL

Presente na coletiva, o Diretor Técnico do SEBRAE Nacional, Bruno Quick, destacou que o relatório conversa muito fortemente com a realidade que é vivenciada, hoje, no Brasil. “É preciso ter muito claro que estamos tendo uma transição para um modelo diferente de desenvolvimento. É um movimento radical, de mudar mesmo o mindset ou um modelo de desenvolvimento aonde, por exemplo, a natureza, que em muitos casos era vista como uma barreira para o antigo modelo de desenvolvimento, neste caso, ela é uma força do novo modelo de desenvolvimento. Isso muda tudo”, considerou. “Isso desloca o eixo de desenvolvimento, isso cria novas oportunidades. E a gente está vendo isso na prática no Brasil, principalmente na Amazônia”.

Segundo Bruno, entre os mais de mil setores econômicos que alcançam as pequenas empresas, dois chamam a atenção de maneira especial: o da transição energética para energias renováveis e a economia circular.

Luiz Flávio

Durante participação ao vivo no programa GloboNews Mais, direto da COP30 em Belém, na segunda-feira (10), o governador do Pará, Helder Barbalho (MDB), celebrou o protagonismo da Amazônia nas discussões globais sobre o clima. Ele afirmou que, em conferências anteriores, o debate se concentrava no setor energético e em fortes lobbies, enquanto as florestas tropicais ficavam em segundo plano. “Sempre me incomodou ver que se falava em captura de carbono, biodiversidade e sustentabilidade, mas sem colocar as florestas tropicais no centro. Agora, finalmente, elas estão nos debates”, declarou.

Helder relatou que, durante a reunião de líderes, quando houve o anúncio da iniciativa multinacional Fundo Florestas Tropicais para Sempre (na singla em inglês, TFFF), reforçou a necessidade de metas claras e transparentes para neutralizar o uso de combustíveis fósseis, destacando a importância de valorizar a “floresta viva”. Segundo ele, sediar a COP30 na Amazônia tem um valor simbólico e prático para impulsionar esse reconhecimento.

O governador também comentou a ausência do presidente norte-americano Donald Trump, criticando a falta de engajamento dos Estados Unidos. “É contraditório que um dos países que mais contribuem para a crise climática não envie delegação. Em vez de estar aqui colaborando, prefere se manifestar em posts. Esperamos que haja uma reflexão — quem sabe ainda dá tempo dele vir tomar um tacacá conosco”, ironizou.



Helder e Lula
FOTO: DIVULGAÇÃO

NO LUGAR CERTO

A Amazônia no centro do debate

‘Sempre me incomodou’: Helder critica COPs anteriores e exalta avanço na COP30

INFRAESTRUTURA SUSTENTÁVEL

Na entrevista, Helder apresentou projetos de infraestrutura

sustentável em andamento no estado, destacando a “Rodovia Liberdade”, planejada desde 2019 para melhorar

a mobilidade na Região Metropolitana de Belém. Ele explicou que a obra utiliza uma linha de transmissão já exis-

tente e conta com 34 passagens de fauna, o que, segundo ele, faz dela “a rodovia mais sustentável do Brasil por quilômetro”. O projeto, que deve ser entregue no início de 2026, inclui 72 condicionantes ambientais, entre reflorestamento, apoio à agricultura familiar e comunidades quilombolas.

O governador também ressaltou o legado urbano que a COP30 deixará para Belém, com avanços significativos no saneamento básico. “A cidade sempre teve sérios problemas de esgoto. Passamos de 19% para 39% de cobertura — é o maior investimento da história da capital. São 13 quilômetros de macrodrenagem beneficiando 500 mil pessoas que viviam sob risco constante de alagamentos”, afirmou.

CUIDAR DA MAIOR RIQUEZA DO MUNDO É PRESERVAR A SUA BIODIVERSIDADE, OS SEUS SABERES E OS SEUS POVOS.

A Amazônia é feita de mãos que criam e de histórias que inspiram.
Ao apoiar artesãos, ribeirinhos e povos originários, valorizamos a nossa
cultura, geramos renda e fortalecemos comunidades. Isso é transformar
o futuro de quem vive da floresta e para a floresta.

Artesão, construa uma Amazônia mais próspera com a gente.
Saiba mais: bancoamazonia.com.br



A01018077

200 0000



1



banco da
amazonia

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Carol Menezes

PLANO

Saúde na linha de frente do clima

COP30: Brasil inicia implementação do Plano de Saúde de Belém contra impactos do clima

Abrindo os trabalhos do dia temático da saúde na COP30, o Governo Brasileiro lançou, na manhã de quinta-feira (13), o Plano de Ação em Saúde de Belém para a Adaptação do setor de Saúde às Mudanças Climáticas. O evento marcou o início da implementação do plano que pretende fortalecer a resiliência do setor de saúde às mudanças do clima e reuniu representantes do Ministério da Saúde do Brasil, da Organização Mundial de Saúde e da Convenção-Quadro das Nações Unidas para Mudanças do Clima (UNFCCC) na Plenária Amazonas, na Zona Azul da COP30.

O ministro da saúde do Brasil, Alexandre Padilha, destacou que o plano de ação foi construído coletivamente desde maio de 2025, quando a ideia foi lançada na Assembleia Geral da Organização Mundial de Saúde. Na COP30, o marco do lançamento inicia o período de implementação dos trabalhos que pretendem fortalecer a adaptação e a resiliência do setor de saúde às mudanças climáticas por meio ao aperfeiçoamento dos sistemas integrados de vigilância e monitoramento, de aceleração da capacitação, de promoção de políticas baseadas em evidências e no estímulo à inovação e a produção sustentável.

“Diante de um clima já alterado, não nos resta alternativa, senão movermos políticas públicas para nos adaptarmos e enfrentarmos as mudanças climáticas. A adaptação deve ser tratada com a mesma seriedade e o mesmo compromisso político que a mitigação”, destacou Padilha. “Precisamos de uma estratégia de adaptação coordenada que reconheça as necessidades e os contextos locais e valorize a força do multilateralismo e da cooperação internacional. Para isso, o Ministério da Saúde

do Brasil, dentro do Plano Nacional de Adaptação, elaborou o plano de adaptação à mudança climática do setor de saúde, o AdaptaSUS”.

O ministro destacou que o AdaptaSUS foi construído com ampla participação social e diálogo interfederativo, envolvendo gestores estaduais, municipais, locais e especialistas de diferentes áreas. “É um plano estratégico, orientado por evidências científicas, conforme o nosso compromisso de combater o negacionismo, valorizar a vida e a ciência”.

O plano é composto por 27 metas e 93 ações concretas e que foram planejadas para serem alcançadas até 2035, em pactuação com os governos locais e regionais e aprimoramento da vigilância de saúde ambiental, da integração da atenção primária, planejamento de infraestrutura hospitalar adaptado e resiliente, e o estímulo a práticas sustentáveis no funcionamento das unidades de saúde. “O plano está organizado em três linhas de ação inter-relacionadas, cada uma delas sustentada por medidas específicas voltadas para enfrentar áreas prioritárias, avançar na adaptação e resiliência dos sistemas de saúde”.

LANÇAMENTO

Para apoiar os esforços de implementação do plano, na sexta-feira (14) o Ministério da Saúde lançou dois documentos de evidências: o relatório especial da COP30 sobre saúde e mudança do clima, e o relatório especial de participação social da sociedade civil em saúde clínica. Esses materiais foram elaborados com apoio da Organização Pan-Americana de Saúde e da Organização Mundial de Saúde, sob a coordenação da Universidade Nacional de Singapura e da Associação Brasileira de Saúde Coletiva.

Em vídeo enviado ao evento de lançamento do plano, o dire-



Ministro Alexandre Padilha e o príncipe William

FOTO: DIVULGAÇÃO

tor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom, destacou que é essencial proteger as pessoas contra os impactos das mudanças climáticas na saúde, mas lembrou que os próprios sistemas de saúde também são afetados pelas mudanças climáticas, o que compromete sua capacidade de oferecer cuidados que salvam vidas justamente quando as pessoas mais precisam. “Há décadas, a Organização Mundial da Saúde (OMS) vem pedindo ações para adaptar os sistemas de saúde e torná-los mais resilientes às mudanças climáticas. O Plano de Ação em Saúde de Belém mostra como podemos fazer isso”.

O secretário executivo da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas (UNFCCC), Simon Stiell, pontuou que em uma cidade como Belém, no coração da Amazônia, o mundo é lembrado da profunda conexão entre a saúde humana e a saúde do planeta, o que aumenta a responsabilidade compartilhada de cuidar de ambas. Ele ainda fez um panorama dos prejuízos causados pelas alterações do clima à saúde. “De acordo com o relatório mais recente da The Lancet, as mortes relacionadas ao calor aumentaram 23% desde a década de 1990, ultrapassando agora um milhão de mortes por ano. As comunidades vulneráveis são as mais atingidas — crianças pequenas, idosos e pessoas com condições de saúde pré-existent. Esses não são apenas números: são famílias, comunidades e futuros que já estão pagando o preço do aquecimento global”, apontou. “O Plano de Ação em Saúde de Belém nos fornece o modelo. O que precisamos agora é de ação sustentada, coordenada e bem financiada para transformar promessas em proteção para todos”.

Também participaram da cerimônia de lançamento do plano



Brasil avança na COP30 e lança estratégia nacional para proteger saúde diante do clima

FOTO: ALEX FERROCOP30

de ação, a CEO da COP30, Ana Toni; a jovem campeã climática da COP30, Marcele Oliveira; o diretor da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), Jarbas Barbosa; e a princesa Abze Djigma, Co-Presidente do Comitê de Capacitação do UNFCCC em Paris (PCCB).

FILANTRÓPICAS

Horas após o lançamento do Plano de Ação em Saúde de Belém para a Adaptação do setor de Saúde às Mudanças Climáticas, durante a COP30, em Belém, instituições filantrópicas globais anunciaram a doação de 300 milhões de dólares para financiar iniciativas dos países para a implementação desse plano em suas realidades locais. O anúncio foi feito pelo Ministro da Saúde do Brasil, Alexandre Padilha, durante coletiva concedida à im-

prensa que acompanha as negociações e os eventos paralelos da conferência.

Padilha reforçou que o plano já recebeu a adesão de 40 países e outras 40 organizações e instituições. “Países de todos os continentes do mundo fizeram a declaração de apoio ao plano, instituições filantrópicas e financeiras que não só anunciaram apoio, mas anunciaram investimentos em relação ao plano, como também organizações da sociedade civil”, destacou. “O Brasil e o grupo de Baku assumem a responsabilidade de acompanhar a implementação desse plano a partir do lançamento de hoje (quinta-feira). Nós usaremos todos os fóruns internacionais da saúde global para engajar e aumentar a mobilização na implementação desse plano”.

Diretor de Clima e Saúde da instituição beneficente inglesa Wellcome Trust, Dr. Alan Dangour chamou a iniciativa da doação de um ‘mutirão da filantropia’, destacando que o compromisso com o aporte financeiro é realizado de forma integrada entre 35 diferentes filantropias ao redor do mundo. “Estou muito feliz que hoje pudemos anunciar, comprometendo 300 milhões de dólares para ações integradas para combater as causas das mudanças climáticas e suas consequências para a saúde. Essa iniciativa é chamada de Coalizão para o Clima e o Bem-Estar da Saúde. Ela inclui 35 milhões de pessoas no mundo”.

A Wellcome Trust é uma das integrantes da Coalizão para o Clima e o Bem-Estar da Saúde, que realizou a doação.

PARA ENTENDER

PLANO DE AÇÃO

● O Plano de Ação em Saúde de Belém (BHAP, na sigla em inglês) fornece uma estrutura para avançar a Agenda de Ação da COP30, em particular o Objetivo-Chave 16 sobre a promoção de sistemas de saúde resilientes, e para apoiar as Partes Endossantes do documento na implementação de progressos coletivos rumo ao Balanço Global de 2028.

● A meta global do Plano é incluir o BHAP nos relatórios de progresso da UNFCCC referentes ao Balanço Global e outros mecanismos relevantes.

● Até a COP33 (2028), durante o próximo Balanço Global, todas as Partes Endossantes serão convidadas a apresentar seus avanços na implementação das ações estabelecidas no Plano de Ação em Saúde de Belém, em alinhamento com os indicadores da Meta Global de Adaptação e quaisquer outros indicadores nacionais pertinentes.

Cintia Magno

Diante de uma Conferência do Clima marcada, pela primeira vez, por um cenário de transição das discussões para a implementação de ações, os questionamentos sobre o que exatamente poderá pontuar o sucesso da COP30 ditaram o tom da coletiva de imprensa convocada pela Presidência da COP na quinta-feira (13). Desde o início da cúpula, a presidência brasileira da conferência realizou duas coletivas diárias para atualizar o andamento das negociações e os eventos importantes ocorridos no dia.

Perguntado sobre o que avaliaria que seria o sucesso da COP que é realizada em Belém, o Presidente da COP30, embaixador André Corrêa do Lago, se posicionou com uma resposta que ele próprio classificou como diplomática. “Eu creio que quando estruturamos a ideia de ter uma COP de implementação, eu penso que há uma dimensão inovadora. Não que as outras não tivessem, mas é que as circunstâncias, atualmente, são bastante diferentes porque nós avançamos muito no processo de decisão depois de 10 anos do Acordo de Paris”, contextualizou. “Nós já concluímos várias negociações que nós precisávamos ter. E não há só uma coisa que irá definir essa COP porque eu posso falar sobre implementação, sobre adaptação, também sobre a relação entre natureza e clima, a dimensão da luta contra a mudança climática, existem muitos aspectos a serem considerados. Então, eu espero que essa COP responda perguntas para grupos diferentes de pessoas. Agora, a mudança climática está tão avassaladora que a gente precisa ter muitas respostas. Por isso, nós não estamos focando em uma única coisa, mas temos alguns padrões que acreditamos que precisam ser atendidos para serem consideradas negociações bem-sucedidas na agenda de ação e as expectativas da sociedade civil”.

Responsável por acompanhar as consultas da Presidência - instru-

ANDAMENTO



André Corrêa do Lago
FOTO: RAFA NEDDERMEYER/COP30
BRASIL AMAZÔNIA PR

Várias negociações foram **concluídas**

Presidência brasileira da conferência realizou duas coletivas diárias para atualizar o andamento das negociações

mentos que podem ser adotados pela Presidência da COP para abordar temas de grande relevância política e destravar impasses técnicos -, o diretor de Estratégia e Alinhamento da COP30, Túlio Andrade, destacou que essa COP é muito diferente das outras porque esta é a primeira vez em que uma conferência acontece quando o Acordo de Paris e o ciclo de políticas já foram concluídas. “Toda a parte regulatória do Acordo de Paris foi concluída”, destacou. “É a primeira COP em que todas as dimensões deste ciclo estão em funcionamen-

to. Então, é natural que esta COP seja diferente das anteriores porque esta é a COP em que nós, finalmente, transicionamos da negociação para a implementação. Portanto, os resultados e os critérios de sucesso também serão diferentes em relação às COPs anteriores”.

Para Túlio, essencialmente, o que se destaca nesta 30ª COP é uma forte mensagem em apoio ao multilateralismo e uma celebração à unidade do aniversário dos 10 anos do Acordo de Paris. Por outro lado, também é necessário que se responda à urgência acelerando

a implementação e a cooperação internacional. “Como o presidente acabou de dizer, a resposta para as muitas lacunas que nós temos não podem ser uma resposta única. Elas precisam ser um conjunto de respostas que vai desde as negociações até a agenda de ação. Mas se tivesse uma coisa que a gente pudesse pontuar, seria o fortalecimento do multilateralismo e da cooperação internacional”.

No que se refere especialmente às Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDC), um ponto de grande destaque na COP des-

te ano e que inclusive é um dos itens de destaque das consultas da Presidência, o Secretário de Clima, Energia e Meio Ambiente do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, embaixador Maurício Lemos, apontou o próprio cenário atual das entregas das NDCs como um possível determinante para o sucesso da COP deste ano. Até o dia 13 de novembro, 112 dos 194 países tinham apresentado suas NDCs à convenção. “No começo do ano nós tínhamos a retirada do Acordo de Paris de um país muito importante e no prazo da apresentação das NDCs, que foi 10 de fevereiro, nós tínhamos apenas 21 NDCs, responsáveis por um percentual muito pequeno das emissões totais dos países”, contextualizou. “Portanto, foi uma jornada complicada sair desse momento em que tínhamos o impacto da retirada do regime de um dos países mais importantes do mundo e uma apresentação de NDCs muito baixa, para o que a gente tem agora e que já é responsável por mais de 80% das emissões totais do mundo”.

Destacando o esforço feito para que se chegasse ao cenário atual, o embaixador considerou esta já como uma entrega importante da COP.

AGENDAS

Sobre as agendas do dia que seguem em paralelo às negociações, o embaixador André Corrêa do Lago destacou que a quinta-feira (13) foi marcada por uma reunião sobre Justiça e Mudança do Clima, presidida pelo Presidente do Superior Tribunal de Justiça, Ministro Antonio Herman Benjamin. Como parte dos temas que integram o calendário temático da COP30, o embaixador também lembrou o lançamento do Plano de Ação em Saúde de Belém e ainda fez menção ao fato de a Convenção do Clima estar recebendo, cada vez mais, contribuições importantes dos povos indígenas. Também esteve na coletiva a diretora do Departamento de Clima do Ministério das Relações Exteriores, a embaixadora Lilian Chagas.

Carol Menezes

Mais de mil lideranças extrativistas, representando todos os biomas brasileiros, participaram na noite de quinta-feira (13 de novembro) de uma grande caminhada pelas ruas de Belém (PA) em defesa dos direitos territoriais e da responsabilidade climática global.

O ato, chamado “Porongaço dos Povos da Floresta”, ocorreu paralelamente às atividades oficiais da COP30 e celebrou também os 40 anos de atuação do Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS).

A concentração começou às 17h, na Praça Eneida de Moraes, no bairro da Pedreira. Às 18h, os participantes seguiram em caminhada pacífica até a Aldeia Cabana, na Avenida Pedro Miranda. No local, foi entregue a Carta Política das Populações Extrativistas, documento que reúne reivindicações e propostas dirigidas às autoridades presentes na conferência.

O ato reuniu representantes de povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e parceiros internacionais. Todos caminharam usando uma poranga na cabeça — lamparina acesa com óleos da floresta, como andiroba e copaíba — entoando cantorias, músicas, poesias, rezas e palavras de resistência que unem espiritualidade, arte e política.

Segundo Letícia Moraes, vice-presidente do CNS, a marcha reforça que não há soluções reais para a crise climática sem justiça social, territorial e ambiental, nem sem a presença dos povos que mantêm a floresta viva.



Ato paralelo à COP30 celebrou 40 anos do Conselho Nacional Extrativista. Documento com reivindicações também foi entregue

FOTO: UESLEI MARCELINO/COP30 (4).JP

‘PORONGAÇO’

Marcha dos Povos ilumina Belém

O ato reuniu representantes de povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos e parceiros internacionais

“O Porongaço nasce como um ato político. É a marcha das luzes que ecoa o legado de Chico Mendes e a sabedoria ances-

tral de milhares de homens e mulheres que, com coragem, seguem iluminando o caminho da vida na Amazônia. Representa a

continuidade de uma luta histórica, agora projetada no cenário global da COP30, que pela primeira vez acontece no coração

da Amazônia”, afirmou.

O nome do ato faz referência à poranga, lamparina usada tradicionalmente por seringueiros para iluminar os caminhos na mata durante a noite. O objeto remete também aos empates — forma histórica de resistência não violenta criada entre as décadas de 1970 e 1980 para proteger territórios coletivos contra o desmatamento e a grilagem.

“Hoje, o Porongaço resgata esse símbolo como metáfora da esperança, da coletividade e da luta. É um gesto de resistência que reafirma: a floresta está viva porque seus povos cuidam dela”, concluiu Moraes.

Luiz Flávio

O governador Helder Barbalho assinou parceria de cooperação inédita com o Estado da Califórnia (EUA), representado pelo governador americano, Gavin Newsom. O memorando de entendimento foi assinado na terça (11), inaugurando uma cooperação internacional inédita entre a maior economia verde norte-americana e o Pará, principal fronteira de biodiversidade do planeta. O acordo, assinado pelos dois governadores, estabelece uma parceria de longo prazo voltada para inovação, bioeconomia, pesquisa científica e combate a incêndios florestais. A assinatura ocorreu no Parque de Bioeconomia e Inovação da Amazônia, em Belém — núcleo central do Vale Bioamazônico, projeto estratégico do governo paraense.

Durante a visita, o governador da Califórnia não escondeu sua surpresa: “Eu nunca vi algo assim. Essa oportunidade de usar este lugar como plataforma para inovação e empreendedorismo lembra muito o Vale do Silício”, afirmou Newsom, comparando o ecossistema de inovação do Pará ao Vale do Silício, destacando a integração entre universidades, startups, comunidades tradicionais e centros de pesquisa.

Vale do Silício é uma região da Baía de São Francisco, Califórnia (EUA), famosa por ser o principal polo de tecnologia do mundo. Sua importância reside na concentração de gigantes da tecnologia como Google, Apple e Intel, que impulsionam a inovação e atraem grande parte do capital de risco do país para startups. A região é um centro para o desenvolvimento de hardwares, softwares e aplicativos, impulsionada pela presença de universidades de ponta como Stanford.

Para Helder Barbalho, o memorando simboliza um novo



Helder e o governador da Califórnia

FOTO: MARCO SANTOS / AGÊNCIA PARÁ

PARCERIA

Pará fecha acordo com a Califórnia

Helder assina acordo histórico com a Califórnia para acelerar bioeconomia na Amazônia

ciclo para o estado: “O mundo está vindo até o Pará. Estamos conectando a biodiversidade amazônica à tecnologia e à inovação global. A próxima revolução será liderada pelas moléculas da floresta.”

Entre os principais pontos do acordo entre o Estado do Pará

e o governo da Califórnia está a prevenção e combate a incêndios florestais. Para isso, foi firmado um acordo de cooperação técnica para troca de experiências e tecnologias na prevenção e resposta a incêndios. Serão desenvolvidos sistemas conjuntos de monitoramento da saúde das flo-

restas e identificação de áreas de risco. Além disso, serão firmadas parcerias para controle de queimadas, para ampliar ações de educação ambiental e para promoção de mitigação comunitária, que são um conjunto de ações e esforços coordenados e implementados pela própria comuni-

dade local, com ou sem apoio de órgãos públicos, para diminuir ou limitar os impactos negativos de riscos, desastres ou problemas socioambientais em seu território.

No memorando, assinado pelos dois governadores, está prevista ainda a integração de práticas da Califórnia — referência mundial em manejo de incêndios — com a experiência amazônica em manejo sustentável. O Estado da Califórnia, um dos maiores produtores de alimentos nos Estados Unidos, acumula tragédias provocadas por incêndios florestais. O governo local calcula que, ao longo dos últimos 20 anos, as queimadas consumiram cerca de 5 milhões de hectares, com prejuízo estimado em mais de US\$ 250 bilhões somente considerando parte das perdas associadas aos grandes eventos recentes, como o de 2025, considerados os maiores da trágica história de incêndios até o momento.

A woman with short, wavy white hair is smiling broadly, showing her teeth. She is wearing a dark, patterned top with large red floral designs. She is positioned in front of a dense, lush green jungle background with various tropical plants and ferns. Her arms are slightly raised, and she appears to be in a joyful, celebratory mood.

Na COP 30, o Brasil tem a cara do Pará.

E, no Brasil, a Hydro tem a cara do Pará.

Fafá de Belém - Cantora paraense

Saiba porque a Hydro
tem a cara do Pará.



Com a maior parte da nossa cadeia de valor do alumínio no estado, acreditamos que existe uma forma responsável de atuar na região amazônica, por meio do diálogo, do respeito ao meio ambiente e valorização das comunidades locais.

Continuamos ao lado dos paraenses e de todos os brasileiros, contribuindo com inovação, conhecimento e compromisso para que o legado da COP 30 se torne um marco positivo para o planeta.



Indústrias que fazem a diferença

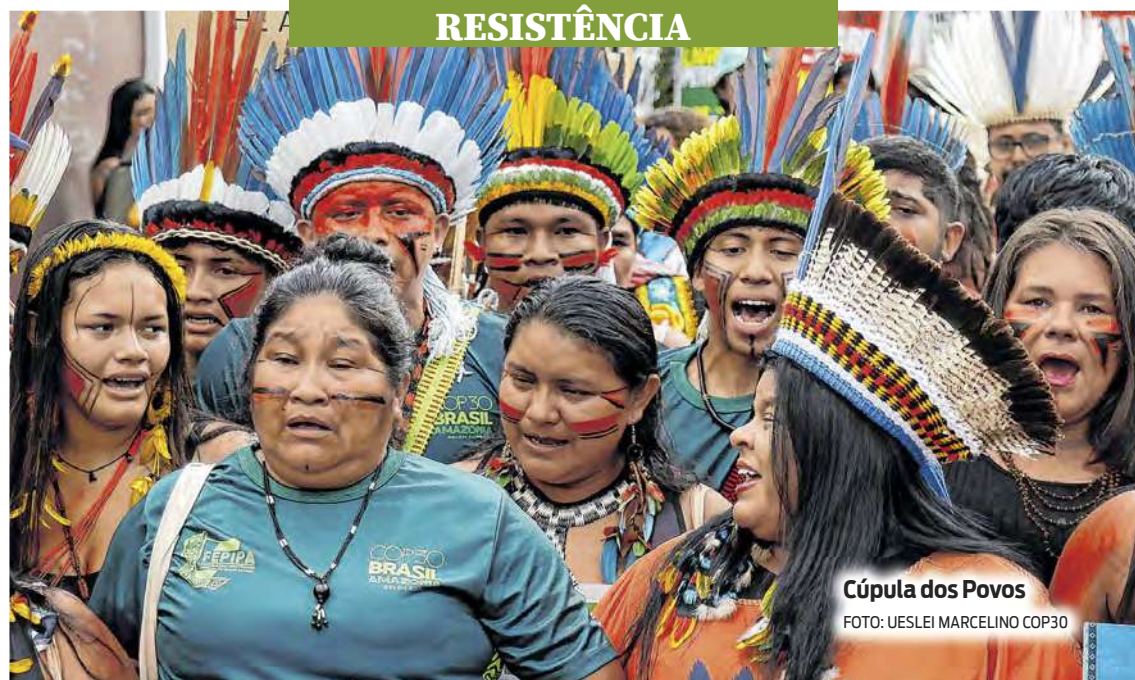
Irlaine Nóbrega

Até o dia 16 de novembro, Belém recebeu a Cúpula dos Povos, na Universidade Federal do Pará (UFPA), em um encontro que reuniu movimentos sociais, organizações populares, povos indígenas e comunidades tradicionais de todo o país. O objetivo era agregar conhecimento em torno das perspectivas sociais e ambientais da agenda climática, ecoando as vozes das comunidades e dos territórios de resistência, em um evento paralelo à 30ª Conferência das Nações Unidas Sobre Mudanças Climáticas (COP30).

Na manhã de quinta-feira (13), segundo dia do evento, a programação foi marcada por diálogos e construções coletivas, com a realização da Cúpula das Infâncias, Plenárias temáticas sobre solidariedade, resistência e esperança; atividades culturais e mobilização e a feira popular. À tarde, o evento teve extensa programação dos Enlaces dos Eixos de Convergência, abordando questões sobre crise hídrica, defesa dos territórios e direito à terra, e soberania alimentar.

De acordo com uma das organizadoras da Cúpula, Sara Pereira, membro do Fórum Social Pan-Amazônico, o evento partiu da Carta Política da Cúpula dos Povos, assinada por 1,5 mil organizações e movimentos sociais nacionais e internacionais participantes do encontro. O principal objetivo é oportunizar a ampla participação da sociedade civil global nas pautas da agenda climática.

“Queremos uma ampla participação da sociedade civil que tenha pauta climática, da justiça climática nas suas bandeiras de luta, principalmente considerando que a COP 30 está sendo realizada na Amazônia, no Brasil, que é um país democrático e gerou grande expectativa da sociedade civil global de poder reto-



RESISTÊNCIA

Cúpula dos Povos

FOTO: UESLEI MARCELINO COP30

Cúpula dos Povos é realizada na UFPA

O principal objetivo foi possibilitar a ampla participação da sociedade civil global nas pautas da agenda climática

mar esse espaço da Cúpula dos Povos, que não se inaugura agora, mas é um processo construído desde a Eco 92”, disse.

O evento trouxe como foco central a justiça climática a partir do entendimento das consequências das emergências de clima como fruto de um modelo de economia que gera desequilíbrios ambientais, culminando em eventos climáticos extremos, como secas e enchentes, que influenciam diretamente na produção de alimentos pela agricultura familiar. “Fazemos o debate da crise climática não so-

mente pelo viés da adaptação ou de ações de mitigação. A nossa chave quer dizer que não tem como promover uma discussão sobre justiça climática e ambiental sem lutar por direitos básicos da população, como o acesso à água”, afirmou.

Uma barqueata com 200 embarcações marcou a abertura da Cúpula dos Povos, na quarta-feira (12). Em um percurso fluvial de quase 30 quilômetros, o ato político visava ressaltar a importância da defesa das águas como território de luta e bem viver das comunidades tradi-

cionais e povos indígenas, sobretudo, da Amazônia brasileira. “Queríamos mostrar a importância da defesa das águas como território de luta e de bem viver, da proteção das águas dos rios, dos mares, dos oceanos, da Amazônia e do mundo inteiro. Essa mensagem simboliza que os povos se aliançaram nos barcos pela luta e esperança”, apontou.

EIXOS

A Cúpula dos Povos foi movida por seis eixos temáticos, em um diálogo transversal: Justiça

Climática e Reparação; Transição Justa, Popular e Inclusiva; Soberania Alimentar e Agroecologia; Direitos Territoriais e das Florestas; Internacionalismo e Solidariedade; e Perspectivas Feministas e dos Povos nos Territórios.

Construída na perspectiva de processo, o evento buscou promover o “enlace” entre organizações, movimentos e povos do mundo todo. “As atividades Enlaces foram construídas na perspectiva de enlace dos seis eixos, envolvendo organizações do Brasil e de todas as partes do mundo. A ideia é que o legado dessa Cúpula siga como um grande enlace, que as organizações sigam se comunicando, construindo coisas juntas, pensando estratégias coletivas, envolvendo uma escala regional, nacional e até internacional, colocando realmente os povos de lutas em aliança”, explicou.

A ideia era que, ao final do evento, fosse construída a Carta Política da Cúpula dos Povos de Belém com mensagens-chave para soluções para a crise ambiental, construída em conjunto com as comunidades tradicionais e originárias, assentamentos, além das pautas levantadas durante as plenárias temáticas. Uma das respostas envolve a preservação e o fortalecimento dos territórios amazônicos, incluindo a sua população e biodiversidade.

“A Cúpula diz que as verdadeiras soluções vêm dos territórios. É preciso mudar para fazer uma transição não somente de matriz energética, mas do modelo de economia, com o foco em economias cada vez mais circulares, que respeitem os ciclos da natureza e os territórios pan-amazônicos de uma maneira geral. Temos muito o que contribuir com nossos modos de vida. Queremos demonstrar que soluções que falamos venham desses territórios”, declarou Sara Pereira.

Carol Menezes

Em meio à intensa programação da COP 30, que coloca Belém no centro das discussões globais sobre clima, sustentabilidade e justiça ambiental, a capital paraense oficializou um dos movimentos mais estratégicos para o futuro de suas áreas ribeirinhas. Nesta sexta-feira, 14, o prefeito Igor Normando (MDB) assinou o Acordo de Cooperação Técnica que integra Belém ao Programa Orla, iniciativa nacional voltada à qualificação, proteção e ordenamento contínuo das orlas e praias brasileiras.

A cerimônia foi realizada no Pavilhão do Ministério do Turismo, na Green Zone do Parque da Cidade, reunindo representantes de diversos ministérios, pesquisadores e organizações alinhadas à agenda climática.

O acordo foi firmado com os Ministérios da Gestão e Inovação em Serviços Públicos, Meio Ambiente e Mudança do Clima, Turismo, Cidades e Integração e Desenvolvimento Regional, em uma articulação inédita para fortalecer políticas de cuidado e planejamento sobre áreas costeiras, ribeirinhas e litorâneas em todo o País.

Para Belém, cidade cuja história, mobilidade, cultura e economia se entrelaçam profundamente com seus rios, o Programa Orla representa um avanço decisivo. Situada na foz do rio Guamá, cercada por dezenas de ilhas e marcada pela presença de comunidades tradicionais e ribeirinhas, a capital vive seus modos de vida diretamente conectados às águas.

Normando destacou que o acordo amplia a autonomia da gestão municipal, permitindo que Belém desenvolva proje-



Legenda Legenda

FOTO: JOYCE ASSUNÇÃO / AGÊNCIA BELÉM

PROTEÇÃO

Belém faz acordo por orlas

Documento prevê ações de proteção e ordenamento desses espaços, além de apoio às comunidades

tos mais robustos de requalificação urbana, geração de emprego e renda, turismo sustentável e ordenamento ambiental. Ele citou como áreas di-

retamente beneficiadas Outeiro, Mosqueiro, Icoaraci, Cotijuba e as orlas centrais da cidade, reforçando que o Programa Orla abrirá “mais janelas para

o rio”, fortalecendo a integração entre desenvolvimento urbano e preservação ambiental.

Com o ACT, Belém terá suporte técnico e institucional do

governo federal para avançar em frentes estratégicas como recuperação de áreas degradadas, conservação dos ecossistemas ribeirinhos, implementação de infraestrutura turística sustentável, estímulo à economia criativa e ampliação da resiliência diante das mudanças climáticas.

A capital se coloca, assim, como possível cidade-piloto amazônica na operacionalização do Programa Orla, dada sua singularidade geográfica e cultural. A iniciativa marca mais um passo da Prefeitura na consolidação de uma cidade sustentável e preparada para os desafios ambientais do século XXI, reforçando o protagonismo de Belém durante a COP 30 e seu compromisso com um modelo urbano integrado às águas que moldam sua identidade.

Cintia Magno

O quinto dia de COP30 iniciou com uma manifestação pacífica indígenas Munduruku que protestam em frente à entrada principal da Blue Zone, em Belém. Sentados em frente ao portão, lideranças indígenas articuladas pelo Movimento Ipereg Ayu exigiam uma reunião emergencial com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para tratar de uma série de demandas.

Com a obstrução da passagem pelo portão principal, os delegados credenciados que chegavam para acessar a Zona Azul da COP eram orientados a entrar no local pelo estacionamento do Hangar, mas muitos acabaram parando para acompanhar o ato dos indígenas.

Ainda durante a manhã, o Presidente da COP30, André Corrêa do Lago; a CEO da COP30, Ana Toni; e o secretário extraordinário da COP30, Valter Correia, foram até as lideranças para ouvir as demandas. Durante a conversa, André Corrêa do Lago chegou a segurar no colo o filho da liderança indígena Maria Leusa Munduruku, o que rendeu imagens que rodaram as redes de muitos veículos de comunicação do Brasil e do mundo.

Após cerca de 40 minutos de conversa, os indígenas concordaram em acompanhar os membros da Presidência da COP para se reunir com a Ministra dos Povos Indígenas do Brasil, Sônia Guajajara, e com a Ministra de Meio Ambiente e Mudanças do Clima, Marina Silva. Com isso, a entrada dos participantes foi liberada por volta de 9h30.

Questionada sobre o ato durante coletiva concedida à imprensa no início da tar-



A manifestação pacífica ocorreu em frente à entrada da Blue Zone

FOTO: WERNECK COP30

MANIFESTAÇÃO

O protesto dos Munduruku

O quinto dia da COP começou com a movimentação dos movimentos indígenas em frente à entrada da Blue Zone

de de sexta-feira, a CEO da COP30, Ana Toni, apontou que a Presidência viu a manifestação como uma celebração pelo fato da COP30 acontecer na Amazônia. “Temos uma COP na Amazônia e o presidente Lula poderia ter escolhido ter uma COP em São Paulo, no Rio ou em Brasília. Mas não veríamos po-

vos indígenas, nós não teríamos essas discussões, não teríamos a voz deles e eles teriam outras formas de protestar”, considerou. “Nós ouvimos as suas vozes e o Brasil, felizmente, tem uma democracia bastante forte que permite às pessoas se manifestar, na qual as pessoas podem protestar das diferentes for-

mas que desejarem. Portanto, nós conversamos com eles e provavelmente continuarão sendo ouvidos ao longo desta COP. O motivo para termos uma COP na Amazônia é justamente para ouvir as pessoas que são mais vulneráveis. Então, devemos acolher essas formas com que eles estão se manifestando”.

Ana Toni destacou, ainda, que durante reunião realizada com a delegação indígena na quinta-feira (13), a grande participação indígena na COP deste ano foi destaque. “Tivemos algo em torno de 900 indígenas credenciados para entrar na COP30. Na COP anterior que teve o maior número de grupos indígenas, o número que eu recebi da UNFCCC é de que teve cerca de 300 e aqui em Belém temos 900. São processos em andamento, muito importantes, e continuaremos dialogando com as reivindicações legítimas dos povos indígenas”, apontou. “Eles pediram esclarecimentos sobre processos não apenas da COP, mas também de políticas nacionais. A ministra Sônia Guajajara e a ministra Marina Silva estão lá, e continuaremos dialogando com eles, como deve ser”.

No que se refere à segurança, Ana Toni destacou que há um protocolo entre as Nações Unidas e o governo anfitrião e que ele está sendo seguido. “Sabemos que existem protocolos para a realização de protestos, tanto dentro quanto fora. Então, se todos se sentirem confortáveis e utilizarmos os protocolos, acho que tudo correrá bem, como tem sido até agora. E continuaremos vendo protestos. Entendo que amanhã (sábado) haverá uma grande manifestação organizada do lado de fora também. E isso faz parte da democracia”, pontuou. “Todos nós precisamos respeitar a forma como as pessoas se expressam, e basta seguirmos os protocolos que foram acordados entre as Nações Unidas e o governo anfitrião. Estamos seguindo esses protocolos e continuaremos a segui-los daqui em diante”.

Cintia Magno

A Conferência do Clima sediada em Baku, no Azerbaijão, ficou conhecida como a COP do Financiamento. Mas o tema não deixa de pautar as discussões também na COP30 realizada em Belém. E o cenário apresentado desta vez foi de maior tranquilidade quando se considera que a conferência deste ano já iniciou com uma entrega importante na agenda de financiamento: o relatório do Mapa do Caminho de Baku a Belém.

Para entender como essa agenda chegou à COP30, o especialista em ciência do financiamento climático do Instituto Clima e Sociedade (iCS), Lucca Rizzo, explicou que seria preciso voltar um pouco no tempo até os desdobramentos da COP29, realizada no ano passado em Baku, no Azerbaijão. Ainda que o tema seja prioritário nas COPs já há algum tempo, Lucca lembra que em 2024, especialmente, os países tinham que tomar uma decisão importante sobre a nova meta de financiamento climático e eles fizeram isso.

A COP29 resultou em um acordo: antes, a meta de recursos que teria que ser destinada por países desenvolvidos para os países em desenvolvimento era de 100 bilhões de dólares por ano e, com o acordo obtido na última COP, ela subiu para 300 bilhões por ano. Apesar da meta ter triplicado, no acordo gerado pela COP29 também ficou estabelecido que os países desenvolvidos tinham sim que tomar a liderança, mas que não necessariamente seriam apenas eles os responsáveis pela alocação de recursos.

Lucca pontuou que esse “detalhe” gerou uma insatisfação muito grande nos países em desenvolvimento, países mais vulneráveis que precisam de recurso para fazer a transição energética. Então, para que a COP29 tivesse um acordo, os negociadores deixaram para a COP deste ano, para o Brasil e para o Azerbaijão, a missão de elaborar

Especialistas discutem a importância de garantir recursos para as metas climáticas

FOTO: CINTIA MAGNO



DISCUSSÃO

Financiamento climático na COP30

O tema foi o principal eixo de discussão da conferência de 2024, no Azerbaijão, e já tem avanços significativos

um relatório do caminho para se chegar ao financiamento de 1.3 trilhão de dólares por ano para os países em desenvolvimento.

Foi, portanto, este o cenário que antecedeu o início dos trabalhos na COP30 no que se refere à agenda de financiamento. “Esse relatório é muito importante porque ele salta de 300 bilhões de dólares, que foi a decisão do ano passado, para 1.3 trilhão de dólares. É mais do que triplicar menos de um ano. Então, o Brasil tinha um desafio muito grande de preparar esse relatório para COP”, explica. “E ele fez uma série de consultas ao

longo do ano, com os países, com a sociedade civil, com o setor privado, com o apoio de ministérios da fazenda de mais de 33 países, e conseguiu começar a COP, na segunda-feira (10), com esse relatório entregue. Então, o principal ponto de financiamento para a COP30 já foi superado, que é a apresentação desse relatório”.

DE BAKU A BELÉM

A finalização e apresentação do relatório do Mapa do Caminho de Baku a Belém fez com que a COP30 iniciasse já com esse resultado positivo. “Agora, para os próximos anos, para essa agen-

da de implementação que o Brasil tem dialogado e colocado como mote dessa COP, a gente já tem um mapa do que os países, do que os bancos multilaterais de desenvolvimento, do que os fundos verticais climáticos têm que fazer para entregar mais financiamento para país em desenvolvimento. Então foi muito positivo, a gente começa a COP com menos um item pendente”.

PRÁTICA

Na prática, Lucca avalia que esse roteiro vai exigir um esforço e, de certa forma, um mutirão por parte dos diferentes ato-

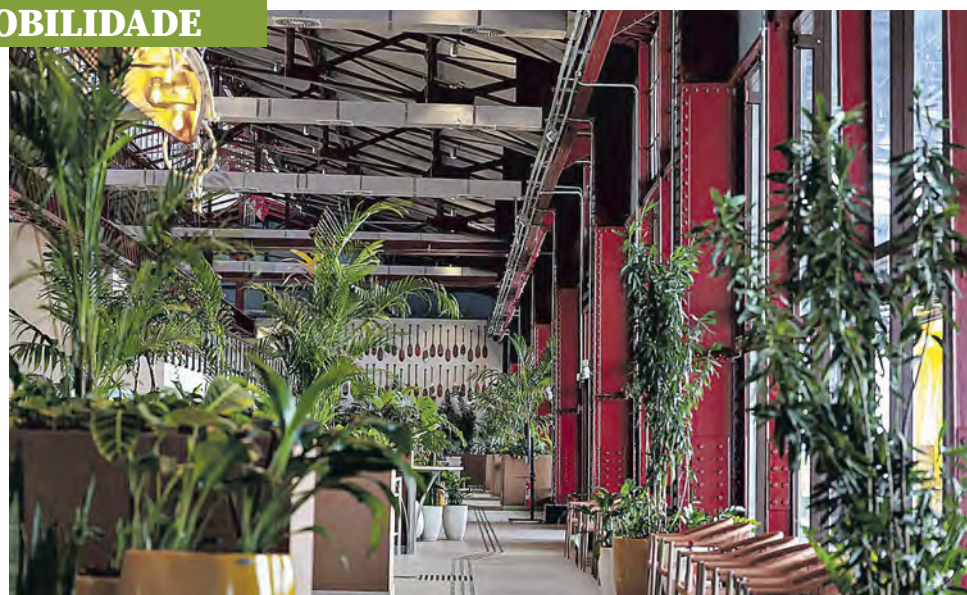
res. “Ele vai ter que envolver setores públicos internacionais; países desenvolvidos; vai ter que envolver os bancos multilaterais que são bancos públicos, mas que possuem países como acionistas; vai ter que envolver o setor privado, que vai ter que aumentar em 20 vezes o volume de capital para financiar projetos em países em desenvolvimento; e vai depender, claro, da sociedade civil para monitorar que isso está sendo feito”, considera. “Então, a partir do ano que vem todos esses grupos vão ter que se reunir e vão ter que fazer esse exercício para entregar essas iniciativas”.

O especialista aponta, ainda, que há uma expectativa de que o Brasil crie pequenos grupos liderados por alguns países que têm mais afinidade com o tema para pôr em prática esse plano. Há uma sugestão da sociedade civil, por exemplo, para que seja criado um grupo sobre regulação financeira que inclua um país desenvolvido, o Brasil e um país em desenvolvimento. A ideia seria que esse grupo conseguisse destravar regulações que possam facilitar o fluxo de recursos dos países do Norte para países do Sul.

Marina Guião, analista de política climática da Laclima, organização que reúne advogados de mudanças climáticas na América Latina, também acompanhou a agenda de financiamento da COP e destacou que, pelo fato do relatório do Mapa do Caminho de Baku a Belém ter sido apresentado na semana que antecedeu o início da conferência deste ano, não houve tempo hábil para que as partes analisem o plano. “Foi um tempo muito curto para algumas partes conseguirem reagir a esse relatório ou mesmo consultarem os seus especialistas, tanto a nível técnico, quanto terem direcionamentos políticos para conseguirem se posicionar sobre isso. Então, ainda não teve um momento para entender como as partes reagirão ao relatório”, avaliou.



LAZER E MOBILIDADE



Belém ganhou novos espaços

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Irlaine Nóbrega

A transformação urbana e o fortalecimento da identidade sociocultural são alguns dos principais legados deixados pela Conferências das Partes sobre Mudanças Climáticas (COP30), em Belém. Com obras de requalificação de espaços públicos, mobilidade e infraestrutura e ampliação do setor turístico, a capital paraense tem alcançado maior projeção nacional e internacional. Isso é o que dizem moradores da cidade, que relataram ao DIÁRIO DO PARÁ a herança de protagonismo com o debate climático.

A mais recente pesquisa AtlasIntel, divulgada na quarta-feira (19), apontou que 72% dos paraenses acreditam no legado positivo da Conferência sobre Mudanças Climáticas (COP) no estado do Pará. O levantamento ainda mostra que a maioria dos entrevistados (72,6%) acredita que os investimentos destinados às obras de infraestrutura da cidade deixarão benefícios permanentes. Em contrapartida, apenas 17,5% não consideram um legado positivo.

População aprova legados da COP30

Pesquisa aponta que 72% dos paraenses acreditam no legado positivo da Conferência

Moradora de Santa Izabel do Pará, a professora aposentada Maria Elisia, 62 anos, afirma que o evento internacional já está sendo benéfico para os municípios da Região Metropolitana de Belém (RMB). Para ela, os investimentos do Governo do Pará e Governo Federal foram determinantes para mudar a realidade e o futuro da capital paraense, valorizando a cultura, a gastronomia e o próprio espaço urbano.

“Eu tenho certeza que foi um evento que chegou para elevar mesmo a nossa cidade. A cidade de Belém nunca mais será a mesma, é daqui para melhor. Es-

tamos vendo uma melhoria na questão turística, na nossa gastronomia, na nossa cultura. Eu tenho absoluta certeza de que as decisões do evento vão ser colocadas e a nossa cidade, nosso estado, nunca mais serão os mesmos. Os nossos governantes acertaram em cheio trazer para Belém do Pará essa COP30”, afirmou.

A certeza é tanta que Elisia integrava um grupo de cerca de 40 pessoas para conhecer os novos pontos turísticos e atrações culturais de Belém, iniciativas fruto da Conferência. “Já está valorizando o turismo, tanto é que nós

somos de Santa Izabel do Pará e viemos super animados para vir para Belém conhecer as atrações que todo mundo está falando. Muita gente vai para o Nordeste ou Sul para conhecer, mas hoje Belém tem o mesmo potencial de lá”, disse.

A afirmação da própria identidade e o fortalecimento dos saberes ancestrais são os principais legados deixados pela Conferência sobre Mudanças Climáticas, segundo a museóloga Ana Cristina Souza, 57 anos. Entre novas estruturas, equipamentos culturais e debates sobre o futuro ambiental, ela vê a COP como um

marco simbólico para que Belém se enxergue, se reconheça e se fortaleça enquanto território amazônico.

Para a profissional, é um momento em que o mundo passa a enxergar não apenas os problemas da Amazônia, mas o conhecimento que nasce dela. “Creio que o principal legado é a afirmação da nossa própria identidade, do ser amazônico. Nós vivemos entre o encher e o vazar dos rios, entre o antes e o depois da chuva. Nosso modo de vida é totalmente ligado à natureza”, disse.

Do ponto de vista cultural, Ana Cristina vê um avanço significativo na sensibilização sobre o papel da produção de conhecimento local. Ela destaca que o olhar externo sobre a Amazônia ainda é, muitas vezes, predatório, voltado a extrair recursos. Mas a COP tem ajudado a mostrar que a região é produtora de saberes, pensamento, arte e ciência há séculos.

“Ainda existe um olhar de que a Amazônia é um lugar de onde se tira algo, mas não se reconhece que nós produzimos conhecimento. Somos seres que interagimos com essa natureza desde o início”, afirmou a museóloga.



Energia Limpa para o futuro da Amazônia

Após o mundo ter se reunido em Belém para discutir o futuro da floresta e do meio ambiente na COP 30, a **Guamá Tratamento de Resíduos** continua participando ativamente das discussões e mostrando, na prática, como a gestão adequada de resíduos pode gerar energia limpa e renovável.

Por meio de um sistema de captação e aproveitamento do biogás gerado naturalmente pela decomposição dos resíduos, esse gás é convertido em energia elétrica, reduzindo a emissão de gases de efeito estufa e contribuindo para a descarbonização da Amazônia.

***Reaproveitamento do biogás,
energia para o futuro,
preservação da Amazônia.***



Luiz Flávio

Em uma cerimônia marcada por forte simbolismo político e social, o Governo do Pará lançou, no Parque Estadual do Uttinga, um conjunto inédito de ações voltadas ao fortalecimento dos direitos e da qualidade de vida das comunidades quilombolas. O evento, alusivo ao Dia Nacional de Zumbi dos Palmares e da Consciência Negra, reuniu mais de 200 quilombolas de diversas regiões e mobilizou autoridades estaduais, municipais e federais.

A solenidade foi conduzida pela Secretaria de Igualdade Racial e Direitos Humanos (Seirdh) e contou com apoio de diversos órgãos estaduais, entre eles Cohab, Iterpa, PGE, Seplad, Semas, Sespa, Seduc, Secult e Uepa — um esforço integrado para consolidar políticas de justiça racial, inclusão social e garantia de direitos.

Ao lado da vice-governadora Hana Ghassan, o governador Helder Barbalho anunciou medidas estratégicas nas áreas de educação, saúde, habitação, regularização fundiária, cultura e segurança alimentar.

“É fundamental celebrarmos este dia com entregas que transformam vidas. Com as titulações de hoje, chegamos a 57 comunidades regularizadas em todo o Pará. Estamos escrevendo história com diálogo e ações concretas”, afirmou Helder Barbalho.

Hana Ghassan destacou que as conquistas são fruto da articulação conjunta de várias instituições: “Hoje celebramos vitórias importantes e o reconhecimento da luta quilombola. A força dessa união permite que cada território avance com mais segurança, prosperidade e direitos.”

AVANÇOS

Na educação, o governo confirmou a implantação do Novo Ensino Médio Quilombola, com cinco consultas regionais para



Governador Helder Barbalho e vice Hana Ghassan

FOTO: MARCO SANTOS / AG. PARÁ

COMUNIDADES

Pará beneficia quilombolas

Foi anunciado um conjunto robusto de políticas públicas voltadas ao fortalecimento dos direitos e inclusão social

regulamentar a Política Estadual de Educação Escolar Quilombola (EEEQ). Também foram anunciadas novas escolas de ensino médio em Oriximiná e Salvaterra, além da Lei de Assistência Estudantil da Uepa, que garantirá bolsas para estudantes quilombolas e indígenas.

Na saúde, foi lançado um pro-

grama exclusivo para comunidades quilombolas, com foco em atendimento especializado, ações itinerantes, saúde mental e prioridade na regulação de internações de média e alta complexidade.

Será enviado ainda à Assembleia Legislativa do Pará (Alepa) de um projeto de lei que

reserva 10% das vagas em concursos públicos estaduais para candidatos negros, 5% para indígenas e 5% para quilombolas. De acordo com a secretária Edilza Fontes, a iniciativa consolida um marco institucional. “Esse é um grande avanço. Estamos estruturando, por dentro do Estado, políticas pú-

blicas envolvendo os quilombolas e que garantam uma gestão mais diversa”, ressaltou.

A entrega dos títulos coletivos emocionou moradores de comunidades que há anos reivindicavam segurança territorial. Joana da Cruz, da comunidade Umarizal, celebrou a conquista: “Receber nosso título significa tudo. Agora temos segurança, podemos cobrar nossos direitos e fortalecer nossa comunidade. Muita coisa vai mudar.”

Simone da Conceição, beneficiária do Cheque Sua Casa, também destacou o impacto direto da política pública em sua vida: “Eu não tinha condições de reformar minha casa. Esse cheque é a realização de um sonho. Agora vou poder ter a casa que sempre quis.”

E MAIS...

AÇÕES ANUNCIADAS

- Entrega de 50 cheques do programa Sua Casa para famílias de Abaetetuba;
- Titulação coletiva de terras para 11 comunidades, marco reconhecido pelo secretário nacional Ronaldo dos Santos;
- Alocação de recursos para políticas quilombolas, incentivos culturais e jogos tradicionais;
- Apoio da Semas no preenchimento do Sicar/PA para acesso ao CAR quilombola;
- Destinação de imóvel e doação de um veículo zero quilômetro à Malungu;
- Garantia de internet de alta qualidade nas comunidades;
- Medidas de segurança alimentar e facilitação do acesso a programas de transferência de renda;
- Apoio à implantação de sistemas de abastecimento de água e outras ações de infraestrutura.

Cintia Magno

O nono dia de COP30 foi marcado por agendas de ação para proteger ecossistemas vitais do mundo, desde as florestas até os oceanos. Destacando que, na conferência de Belém, a Ação Oceânica não é periférica, a enviada especial da COP30 para Oceanos, Marinez Scherer, anunciou a criação do chamado Pacote Azul da Agenda de Ação, um plano que pretende buscar soluções baseadas nos oceanos.

Durante a coletiva de imprensa do início da tarde, convocada diariamente pela Presidência da COP30, Marinez Scherer afirmou que, se totalmente implementado, o Pacote Azul lançado na COP30 pode ajudar a reduzir as emissões globais de Gases de Efeito Estufa (GEE) em até 35% até 2050, mais de um terço do que seria necessário para manter 1,5°C ao alcance. “O oceano, juntamente com a floresta e a biodiversidade, é o que nos mantém, é o que mantém esse planeta estável, habitável e em equilíbrio”, disse. “Nós criamos o Pacote Azul para implementar o que precisamos para restaurar e proteger as zonas costeiras e os ecossistemas marinhos e garantir que o oceano continue a atuar como o principal regulador climático do planeta”.

A enviada especial explicou que o pacote é um roteiro para ação criado em conjunto por atores não estatais, pelo Ministério de Meio Ambiente e Mudanças Climáticas do Brasil e a Presidência da COP. Ele vincula os compromissos nacionais, especialmente o número crescente de NDCs Azuis, aos esforços globais já em andamento. “Essa coerência é essencial. Ela permite



O Pacote Azul está pronto FOTO: CARLOS TAVARES/COP30

Nova solução para OS oceanos

O Pacote Azul da Agenda de Ação, lançado ontem na COP30, pode ajudar a reduzir as emissões globais de Gases

que os países passem da ambição à implementação e dos planos a resultados reais no terreno e na água. Juntos, o desafio da NDC Azul e o Pacote Azul criam uma estrutura forte para desbloquear financiamentos, atrair investimentos privados e construir canais confiáveis para ações climáticas oceânicas”.

Segundo Marinez Scherer, o Pacote Azul está pronto para ser implementado, construído

em torno dos princípios de planejamento e gestão sustentável dos oceanos. “Ele inclui 27 resultados abrangentes e cerca de 70 soluções sobre energia renovável oceânica, descarbonização do transporte marítimo, alimentos aquáticos sustentáveis, conservação marinha, turismo costeiro, empreendedorismo e inovação”, enumerou. “Essas soluções apoiam diretamente a mitigação, a adaptação, a pro-

teção da biodiversidade, a segurança alimentar e a resiliência costeira”.

Para que as ações previstas no plano possam ser implementadas, estima-se que será necessário um investimento de 130 a 170 bilhões de dólares até 2030. “Esse número dá aos ministros das finanças, bancos de desenvolvimento e investidores privados uma noção clara da escala necessária e das oportunidades que se

apresentam. Mas a liberação desse capital depende de condições favoráveis, regulamentações adequadas, instrumentos de risco e uma abordagem financeira ampliada. A implementação também requer responsabilidade”.

PAINEL

Para além do pacote de ação, Marinez Scherer também destacou o lançamento do Painel de Avanços Oceânicos, ou Ocean Breakthroughs Dashboard. Uma ferramenta sistemática e transparente para acompanhar o progresso. “Ele acompanha o progresso em relação às metas baseadas na ciência para 2030; ele identifica lacunas onde precisamos corrigir o curso; ele fornece aos governos, empresas, organizações filantrópicas e sociedade civil uma base de evidências compartilhada, e reconstrói a confiança, mostrando onde a ação coletiva está e onde não está no caminho certo”.

O painel já pode ser acessado desde a última segunda-feira (17). “Todos vocês estão convidados a dar uma olhada. Ele representa um novo contrato social para a ação climática oceânica”, disse Marinez Scherer. “Nossa mensagem é muito simples. A ciência é clara. O oceano é o principal regulador do clima. As soluções estão prontas, estão aí. Os custos são compreendidos e as ferramentas para acompanhar o progresso estão em vigor. Precisamos passar das soluções climáticas baseadas no oceano dos planos para a implementação”.

Também participaram da coletiva a diretora da Agenda de Ação da Presidência da COP30, Bruna Cerqueira, e o Campeão de Alto Nível das Nações Unidas para as Alterações Climáticas para a COP26, Nigel Topping.

Cintia Magno

Reunindo cerca de 160 ministros e outros representantes de alto escalão para acelerar as negociações climáticas, a Plenária de abertura do Segmento de Alto Nível realizada na manhã de segunda-feira (17), na Zona Azul da COP30, deu início à semana ministerial da conferência. Nesta fase, após o encerramento da parte mais técnica das negociações que caracteriza a primeira semana, a conferência traz um maior peso político ao trabalho das delegações. Durante as Declarações Nacionais realizadas na plenária, o Governo do Brasil foi representado pelo vice-presidente Geraldo Alckmin.

Abrindo os discursos, o Secretário Executivo da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), Simon Stiell, elogiou o que classificou como 'espírito de boa vontade' demonstrado ao longo da primeira semana de COP30, destacando que ele reflete uma convicção generalizada de que o Acordo de Paris é a única maneira de a humanidade sobreviver à crise climática global. "Todos nós estamos cientes dos ventos contrários. Mas também sinto uma profunda consciência do que está em jogo e da necessidade de mostrar que a cooperação climática permanece firme num mundo fragmentado", pontuou, ao pedir celeridade nas negociações que se seguem a partir desta segunda semana de conferência. "Peço que abordem rapidamente as questões mais difíceis. Quando essas questões são adiadas para o tempo extra, todos perdem. Não podemos, de forma alguma, perder tempo com atrasos táticos ou obstruções".

Annalena Baerbock, Presidente da Assembleia Geral da ONU, destacou o retorno da conferência do clima ao Bra-

**Vice-presidente da República
Geraldo Alckmin**FOTO: RAFA NEDDERMEYER/COP30 BRASIL
AMAZÔNIA/PR

NEGOCIAÇÕES

Alto escalão em campo na COP30

Conferência da ONU deu início à semana decisiva, com abertura de Segmento de Alto Nível

sil, local de nascimento da UNFCCC, no aniversário de 10 anos do Acordo de Paris. Fazendo um breve comparativo com o cenário das discussões de uma década atrás e de hoje, ela reforçou a importância da transição energética para que se alcance o objetivo de limitar o aquecimento da Terra a 1,5 graus. "Agora, o mais importante é termos energia limpa. O Acordo de Paris mencionou energia renovável só uma vez. Alguns duvidaram do potencial da energia renovável e hoje,

10 anos depois, um período curto na diplomacia internacional, nós estamos transicionando dos combustíveis fósseis. Há dois anos decidimos, juntos, fazer isso”, destacou. “As energias renováveis são mais baratas, escaláveis e são a fonte que representa 90% das instalações globais desde 2024. Falamos muito sobre o ponto da virada, termos negativos, mas há também os pontos de virada positivos, talvez um dos mais importantes”.

MAPA

A necessidade urgente de uma transição energética que conduza o mundo para longe dos combustíveis fósseis também foi destaque no pronunciamento do Governo do Brasil na abertura do Segmento de Alto Nível, na segunda semana da COP30.

O vice-presidente do Brasil, Geraldo Alckmin, afirmou que o Brasil reconhece a sua responsabilidade e os seus desafios no combate às mudanças climáticas, enquanto guardião de um dos maiores biomas do planeta: a Amazônia. “Nosso compromisso, de todos nós, é elaborarmos mapas do caminho para transição energética e o fim do desmatamento ilegal”.

Segundo Alckmin, o Brasil chega à COP30 reafirmando o seu compromisso com a energia limpa, a inovação e a inclusão. “Temos a matriz energética mais renovável entre as grandes economias e somos pioneiros em bioenergia e biocombustíveis. Este ano, o Governo do Presidente Lula aumentou para 30% a participação do etanol na gasolina, em caráter obrigatório. E aumentou para 15% o bio no diesel em caráter obrigatório”, pontuou. “A transição energética deve ser justa, não pode deixar ninguém para trás. Queremos que ela gere emprego, renda e desenvolvimento para to-



FOTO: DIVULGAÇÃO

das as regiões, e sirva de modelo de cooperação para outras nações”.

O vice-presidente ainda apontou que o Brasil propõe que a COP30 deixe como legado mapas de ação integrados na aceleração da transição energética para sair da dependência dos combustíveis fósseis. “A meta é triplicar a energia renovável e dobrar a eficiência energética até 2030. Essa data está logo ali, mas os dados mostram que a capacidade de renováveis ainda é a metade do que seria necessária para alcançar a meta”, pontuou. “Na mesma linha, o Compromisso de Belém ambiciona quadruplicar o uso de combustíveis sustentáveis até 2035 e 25 países já se juntaram ao esforço”.

BRASIL QUER ZERAR DESMATAMENTO ILEGAL EM 5 ANOS

Na outra frente de atuação

destacada durante o discurso na plenária, Geraldo Alckmin reafirmou o compromisso do Brasil em trabalhar para zerrar o desmatamento ilegal até 2030 e lembrou que o lançamento do Fundo de Florestas Tropicais para Sempre (TFFF), ainda durante a primeira semana de COP30, já mobilizou bilhões de dólares em investimentos, representando uma nova forma de aliar preservação, economia verde e justiça social. “Precisamos buscar soluções criativas em áreas estratégicas, como na bioeconomia, que valoriza nossos recursos naturais de forma sustentável; na descarbonização, que é essencial para reduzir nossa pegada de carbono e que pode ser fortalecida com uma Coalizão Global de Mercados Regulados de Carbono, a qual estabelecerá mecanismos de carbono transparentes e coletivamente acordados e para

a qual contamos com a adesão de mais e mais países”.

NDC

Ele lembrou, ainda, que o Brasil reduziu o desmatamento ilegal em 50%, mas defendeu que mais precisa ser feito. Evocando o espírito de mutirão entre todos os países, o vice-presidente apontou que o momento é para todos repactuarem a união em torno dos objetivos do Acordo de Paris. “A apresentação pelos governos de NDCs alinhadas ao objetivo de 1.5 °C do Acordo de Paris é um dos sinais de compromisso com o combate à mudança do clima e o reforço do multilateralismo. “A NDC do Brasil, ousada mas realista, que tive a honra de anunciar no ano passado, com a ministra Marina Silva na COP29, em Baku, determina compromisso de reduzir as emissões líquidas de gases de efeito estufa no país de 59% a

67% até 2035, em comparação aos níveis de 2005”.

O vice-presidente finalizou o discurso destacando que a COP30 marca, agora, a transição do regime, da negociação para a implementação. “As várias decisões que sairão de Belém reforçarão mecanismos e estimularão novos arranjos para acelerar a ação de combate à mudança climática em escala global. E isso faremos por escolha própria, porque é a escolha certa a ser feita”.

E MAIS...

AMAZÔNIA

Após declarar aberta a Plenária, o Presidente da COP30, André Corrêa do Lago, convidou os presentes a assistirem a um vídeo composto por registros da série 'Amazônia', do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, e música do maestro Heitor Villa Lobos.

Cintia Magno

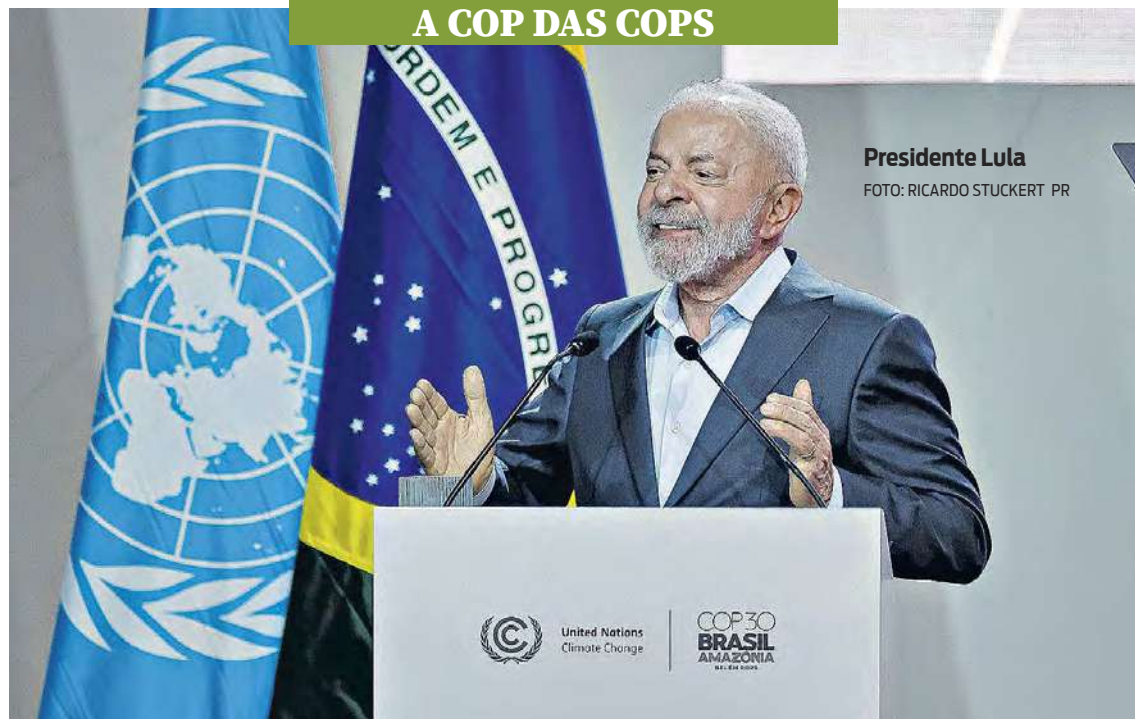
O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) encerrou a noite de quarta-feira, 19 de novembro, com uma coletiva de imprensa que exigiu espera longa por parte das equipes de reportagem. Ao lado do presidente da COP30, André Corrêa do Lago, da ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, da primeira-dama Janja da Silva, da CEO da COP30 Ana Toni e do secretário de Clima, Energia e Meio Ambiente do Ministério das Relações Exteriores e chefe da delegação negociadora brasileira, Mauricio Lyrio, Lula abriu o encontro em clima descontraído. Corrêa do Lago chegou a comentar, rindo, o quão animado o presidente estava. Lula respondeu à altura: pegou uma lente enorme de um fotógrafo e simulou fotografar a plateia.

Logo nos primeiros minutos, Lula agradeceu a cobertura jornalística. “Queria agradecer à imprensa brasileira e estrangeira, porque são vocês que transmitem ao mundo o que acontece aqui”, reconheceu. Em seguida, foi direto. “Eu não tinha dúvida de que faríamos a melhor COP de todas até agora”, celebrou, no melhor tom de “já ganhou”.

Um dos pontos mais enfatizados pelo presidente foi a importância simbólica e geopolítica de Belém como sede. “Era muito mais fácil fazer a COP em um lugar já pronto, sem desafio. Mas nós quisemos trazer para a Amazônia, mostrar ela do jeito que ela é”, afirmou. Lula repetiu que a cidade alcançou projeção inédita. “Hoje eu tenho certeza que a China conhece Belém. Tenho certeza que Berlim conhece Belém. Tenho certeza que Paris conhece Belém. Tenho certeza que muita gente do sul do meu país hoje conhece Belém”, avaliou o presidente.

Ele exaltou a recepção calorosa

A COP DAS COPS



Belém entregou a melhor COP de todas

Um dos pontos mais enfatizados por Lula foi a importância simbólica e geopolítica de Belém como sede

da população. “Se vocês ainda não dançaram carimbó, por favor, vão dançar um carimbó. Vão comer a melhor culinária que nós temos neste país e vão se divertir, porque esse povo aqui é generoso e simpático”, convidou Lula.

Ao fazer um balanço da COP30, Lula afirmou que esta edição quebrou paradigmas. “Esta COP é diferenciada. Teve empresário, teve juventude, teve mulher, teve indígena”, citou. Em tom de orgulho, acrescentou que, pela primeira vez na história

da COP, foram 3,5 mil indígenas participando. E reforçou o compromisso com a pauta de gênero. “As mulheres não são objeto nesta COP. Têm que ser tratadas com respeito, com participação plena. Não existe cidadã de segunda classe”, destacou.

Ele comparou a atmosfera aberta da conferência com experiências anteriores. “Eu nunca vi tanto arame farpado na minha vida quanto na França e na Escócia. Se você está fazendo a coisa certa, não precisa ter medo do povo”, alfinetou.

Janja foi citada diretamente por Lula. “Eu não sei quantas vezes uma primeira-dama trabalhou tanto numa COP como a Janja trabalhou. Ela não estava aqui por ser minha mulher — estava porque tinha uma função.”

A pauta climática dominou a segunda metade da coletiva, com Lula adotando tom mais firme diante da urgência da crise global. “A questão do clima não é mais visão acadêmica. É séria. Coloca em risco a humanidade”, insistiu, cobrando res-

pensabilidade das grandes economias. “Quem tem muito dinheiro tem que pagar uma parte disso. As petroleiras têm que pagar uma parte disso. As mineradoras têm que pagar uma parte disso”, lançou.

Lula defendeu mecanismos de financiamento mais justos. “Uma parte da dívida dos países africanos e latino-americanos precisa virar investimento para a transição energética”, propôs. E sobre preservação, insistiu que manter a floresta em pé tem que valer mais do que derrubá-la.

“Sou presidente de um país que tem petróleo, mas também sou presidente de um país que tem 87% de energia limpa. Quero que todos tenham o mesmo”, sugeriu.

Ao comentar o andamento das negociações, detalhou a dinâmica de atuação. “Minha equipe está negociando — dois homens e uma mulher. E ela é mais inteligente que os dois”, revelou, lembrando que numa COP não se impõe nada. Tudo é por consenso. “Respeitamos a soberania de cada país”, garantiu.

Lula afirmou ainda acreditar que poderá influenciar as potências globais. “Um dia eu ainda vou convencer o presidente dos Estados Unidos de que a questão climática é séria”, declarou, e em seguida voltou a defender o fim da guerra na Europa. “Já não existe mais razão para essa guerra continuar”, lamentou, sobre os conflitos entre Rússia e Ucrânia.

Antes de encerrar, o presidente demonstrou confiança no resultado final da conferência: “Eu saio daqui certo de que vamos entregar o melhor resultado que uma COP já deu ao planeta Terra”, desafiou Lula, que já saiu direto para a Base Aérea, onde embarcou de volta para Brasília (DF). Logo mais, segue para Joanesburgo, na África do Sul, onde participará da reunião da Cúpula do G20 neste fim de semana.

É DO
PARÁ

É DO PEQUENO
NEGÓCIO

É DA GENTE

É NATAL!

compre do
pequeno

SEBRAE



Neste Natal, o Sebrae te convida a descobrir que o presente perfeito está logo ali, no pequeno negócio paraense.

Ao escolher o pequeno, tua compra vai além de um simples presente: adquires uma história, um sabor autêntico de nossa terra e apoias a força de quem faz a nossa economia girar.

Participe do movimento
#compredopequeno e saiba mais:
SEBRAE.COM.BR/COMPREDOPEQUENO



SEBRAE

brado bra.sil

COOP NA COP30

Mais de 20 cooperativas paraenses
participaram ativamente durante a COP30

O modelo de negócio mais
protagonista na COP30

